



Universidade de Brasília
Curso de Gestão de Políticas Públicas

AMANDA ALVES FARIAS

**POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA NO DF: o papel da Rádio
Cultura 100,9 FM na difusão da arte da música na Capital Federal**

Brasília – DF

2024

AMANDA ALVES FARIAS

**POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA NO DF: o papel da Rádio
Cultura 100,9 FM na difusão da arte da música na Capital Federal**

Monografia apresentada ao Departamento de Gestão de Políticas Públicas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão de Políticas Públicas.

Professora Orientadora: Dra. Ana Paula Antunes Martins

Brasília – DF
2024

AMANDA ALVES FARIAS

**POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA NO DF: o papel da Rádio
Cultura 100,9 FM na difusão da arte da música na Capital Federal**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de
Conclusão do Curso de Gestão de Políticas Públicas na Universidade
de Brasília da aluna

Amanda Alves Farias

Dra. Ana Paula Antunes Martins
Professor-Orientador

Dr. Luiz Fernando Macedo Bessa
Professor-Examinador 1

Dr. Rodolfo Junqueira Fonseca
Professor-Examinador 2

Brasília, 17 de setembro de 2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução ou a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pela autora.

A219p	<p>Alves Farias, Amanda . POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA NO DF: o papel da Rádio Cultura 100,9 FM na difusão da arte da música na Capital Federal / Amanda Alves Farias; orientador Ana Paula Antunes Martins. -- Brasília, 2024. 64 p.</p> <p>Monografia (Graduação - Gestão de Políticas Públicas) -- Universidade de Brasília, 2024.</p> <p>1. Política de comunicação pública do Distrito Federal. 2. Rádio Cultura 100,9 FM. 3. Arte da música. 4. Diversidade e pluralidade cultural. I. Antunes Martins, Ana Paula, orient. II. Título.</p>
-------	---

À arte, especialmente à música, por inspirar este trabalho e por ser meu maior sonho, além de minha fonte de energia diária.

Aos meus pais, que são minha rede de apoio e os maiores incentivadores de todas as minhas realizações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois, em inúmeros momentos de angústia e desesperança, mesmo sendo adepta ao agnosticismo, acreditei na força da fé e da oração.

Aos meus pais, Roberto e Marina, que representam para mim a coisa mais importante no mundo, que fariam de tudo por mim e pelos quais eu faria qualquer coisa. Obrigada por serem minha rede de apoio, por se doarem todos os dias, por sempre me incentivarem como podem e por me amarem incondicionalmente.

Ao meu único irmão de sangue, Filipe, uma das pessoas mais perseverantes, esforçadas e inteligentes que já conheci e que admiro tanto como pessoa quanto como profissional. Ele é único e demonstra seu carinho, amor, cuidado e preocupação à sua maneira, mas quem o conhece de verdade sabe que são genuínos.

Aos meus cachorros, Ellie e Nick, que carregam o amor mais puro e genuíno. Eles que, por sua falta de racionalidade, não podem compreender por meio de palavras o quão importante são para mim e quantas vezes me salvaram. Eu dividiria minha expectativa de vida com eles, simplesmente porque acredito que merecem muito mais tempo aqui do que a natureza lhes concede.

Às minhas melhores amigas, que conseguem arrancar meu sorriso até nos momentos mais difíceis e que frequentemente oferecem os melhores conselhos e palavras de consolo. Elas são as melhores parceiras de “rolê”, mas também aquela irmã mais velha que “puxa a orelha” quando necessário e que escuta todos os meus desabafos, dos mais “bobos” aos mais sérios.

À orientadora desta pesquisa, Dra. Ana Paula Antunes Martins, que esteve ao meu lado desde a fase inicial de concepção do projeto, em 2023, até a conclusão desta monografia, me orientando e me apoiando para que eu pudesse entregar o melhor trabalho possível. Registro também minha gratidão aos demais docentes da UnB que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso.

À Rádio Cultura 100,9 FM e seus servidores, que me receberam de braços abertos para realizar esta pesquisa e que, mesmo diante de todas as adversidades, lutam diariamente para manter viva a única rádio pública de cultura do DF, a qual,

por sua vez, constitui um elemento central para dar visibilidade e voz à arte e à cultura periférica.

Por fim, mas não menos importante, à arte, especialmente à música, que é meu escape da realidade e, ao mesmo tempo, a realidade que eu mais gostaria de viver. Ela me salva todos os dias, me inspira, me cativa, me dá esperança e me acompanha em todos os momentos, todos os humores e em todas as memórias mais inesquecíveis.

Na oportunidade, incluo um trecho de uma canção de duas artistas que, assim como muitos outros que admiro, são dotadas de um talento e de uma genialidade que me inspiram e me cativam profundamente:

*I came to win, to fight
To conquer, to thrive
I came to win, to survive
To prosper, to rise
To fly, to fly (Nicki Minaj; Rihanna, 2011, 0:00-0:30).*

'A arte existe para que a realidade não nos destrua'.

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Este trabalho buscou analisar como a gestão da Rádio Cultura 100,9 FM de Brasília, enquanto parte atuante na política de comunicação pública do Distrito Federal, contribui, a partir de sua programação, para a difusão e valorização da arte da música diversa e plural na Capital Federal, além de identificar os desafios que ela enfrenta nesse processo. Para atingir os objetivos deste estudo, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa. Adicionalmente, foram utilizados os seguintes métodos de coleta de dados: observação participante periférica, entrevistas individuais semiestruturadas, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Os resultados da pesquisa apontam que, embora haja um esforço por parte da gestão da Rádio para estabelecer uma programação que atenda ao compromisso com a diversidade e pluralidade cultural, existem sérios desafios que ela enfrenta que acabam comprometendo o cumprimento dessa missão, por dificultarem o funcionamento pleno e adequado da emissora pública.

Palavras-chave: política de comunicação pública do Distrito Federal; Rádio Cultura 100,9 FM; arte da música; diversidade e pluralidade cultural.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1	Comunicação pública vs indústria cultural	14
2.2	O serviço público de radiodifusão e a manifestação da arte da música	20
2.3	Políticas culturais e políticas de comunicação no Brasil.....	22
2.4	Arcabouços normativos de cultura, comunicação e radiodifusão pública ...	25
3	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	28
3.1	Estratégias para a análise de dados	34
4	RESULTADOS	37
4.1	Breve descrição e histórico da Rádio Cultura de Brasília	37
4.2	Estratégias utilizadas pela gestão da Rádio Cultura para difundir a arte da música diversa e plural a partir de sua programação.....	39
4.2.1	Beira Mundo	41
4.2.2	Realce!	47
4.3	Desafios enfrentados pela Rádio Cultura que dificultam a execução de sua atividade-fim	51
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
6	REFERÊNCIAS	58
7	APÊNDICES	63
8	ANEXOS.....	64

1 INTRODUÇÃO

O setor da cultura no Brasil é marcado há décadas por diversos desafios, que vão desde a falta de investimento adequado até a falta de reconhecimento e valorização da cultura em si. Por outro lado, a rádio pública, parte integrante do serviço de radiodifusão pública do país que a própria Constituição Federal de 1988 (CF/88) estabelece caráter de importância e relevância na medida em que essa, respectivamente, constitui um dos meios de comunicação social e auxilia na promoção da cultura e da cidadania, também enfrenta sérios obstáculos, como a falta de recursos e autonomia e, não menos importante, como cita Elton Pinheiro (2016), a imaturidade de questões relacionadas à urgente reconfiguração dos modos de participação do cidadão no processo comunicacional público.

Todavia, contrastando com a realidade descrita, é importante esclarecer que tanto as questões relacionadas à cultura quanto os referentes ao serviço de radiodifusão pública estão previstos em importantes arcabouços normativos, seja no âmbito internacional, nacional e, especificamente, no que interessa ao presente trabalho tratar, os relativos à circunscrição do Distrito Federal.

Outra questão que chama atenção no âmbito da cultura, sobretudo no universo da manifestação das artes, é a supervalorização dos interesses capitalistas impostos pela indústria cultural, que tende a encarar a arte apenas como uma mercadoria, relegando-a a algo a ser comprado e vendido, em detrimento do seu verdadeiro valor enquanto expressão cultural e artística democrática, que abraça a diversidade e a pluralidade cultural em sua essência.

Segundo a reflexão trazida pelo filósofo Ramón Grosfoguel (2016) em sua obra “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo, sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI”, a respeito dos 500 anos de colonização do saber, não existe, em um sentido absoluto, qualquer tradição cultural ou epistêmica que não esteja dentro do domínio de influência da modernidade eurocêntrica. No campo das artes, o impacto dessa influência pode ser percebido quando, por exemplo, obras de artistas não-europeus não são reconhecidas pelo fato de as mesmas não seguirem um padrão de produção europeu ou não possuírem semelhança com o produto da arte europeia.

Tendo isso posto, não se pode deixar de mencionar que, mesmo diante dessa fatídica realidade, existem iniciativas e instrumentos que buscam dar visibilidade e

espaço para manifestações artísticas que tentam romper com a influência europeia ,comprovando outra reflexão trazida por Grosfoguel (2016) na mesma obra do autor citada anteriormente: que é a da possibilidade de romper com a tradição estabelecida, que, assim como há uma saída da epistemologia ocidental, há também uma possibilidade de estabelecer uma identidade artística própria e se desvencilhar da influência europeia. Em harmonia com essa ideia, Enrique Dussel (s.d. apud Grosfoguel, 2016) reforça: em um mundo transmoderno, muitos mundos são possíveis.

Sendo assim, este trabalho se propõe a analisar o papel do serviço de radiodifusão (sonora) pública brasileira no processo de difusão e valorização da manifestação diversa e plural da arte da música no DF. Para isso, escolhe a emissora Rádio Cultura 100,9 FM, que faz parte de um ecossistema nacional que inclui outras rádios públicas, como a Rádio Nacional, a Rádio Câmara e a Rádio Senado, que exercem influência sobre o objeto deste estudo. O objetivo é analisar como a sua gestão atua para estabelecer uma programação que contribua para o avanço do referido processo. Em adição, vai investigar os desafios que a emissora enfrenta nesse contexto.

A Rádio Cultura 100, 9 FM, criada em 1988 e vinculada à Secretaria de Cultura e Economia Criativa (SECEC), é uma emissora pública do Distrito Federal que busca estabelecer uma programação que esteja alinhada com as perspectivas de diversidade e pluralidade cultural, assim como se esforça para “atender a missão de uma rádio pública que é difundir, irradiar e produzir cultura, educação, cidadania, entretenimento, informação de qualidade e prestação de serviços, buscando atingir um público cada vez mais amplo da nossa sociedade” (Distrito Federal, 2023a, *online*).

Dando prosseguimento, para a responder a seguinte pergunta que norteia esta pesquisa, ou seja, “Como a gestão da Rádio Cultura 100,9 FM, enquanto parte atuante na política de comunicação pública do DF, contribui, a partir da sua programação, para a difusão e valorização da manifestação diversa e plural da arte da música na Capital Federal e quais desafios ela enfrenta nesse processo? ”, este trabalho vai, conforme seus objetivos específicos:

1- Analisar as estratégias que a gestão da Rádio Cultura 100,9 utiliza para difundir, a partir da sua programação, a arte da música diversa e plural na Capital Federal;

2- Mapear quais desafios a Rádio Cultura 100,9 enfrenta, que acabam dificultando seu funcionamento adequado, sobretudo, a execução de sua atividade-fim (a programação).

Ademais, diante da ciência sobre todos direitos e deveres assegurados nos arcabouços normativos mencionados anteriormente e sobre uma das missões que norteiam o funcionamento da Rádio Cultura, é importante citar algumas das principais teorias e estudos que iluminam esta pesquisa, cujo objetivo é contribuir com seus resultados e conclusões para o enriquecimento da área de conhecimento onde ela está inserida e para a melhoria da própria organização, assim como trazer maior visibilidade para a questão da importância da cultura para a sociedade e do papel da rádio pública, que constitui-se como um dos meios para o seu fomento, sobretudo dentro dos princípios democráticos. Sendo assim, este estudo aborda, sobretudo, os estudos culturais, o conceito de indústria cultural, tema estudado por cientistas sociais como Theodor Adorno e Max Horkheimer na conhecida Escola de Frankfurt, e os estudos existentes acerca dos temas de comunicação e radiodifusão pública, diversidade e pluralidade na manifestação da arte da música.

Quanto à estrutura desta monografia, ela se divide em cinco partes, sendo estas: a introdução; o referencial teórico, que aborda em quatro seções os temas de “comunicação pública vs indústria cultural”, “o serviço público de radiodifusão e a manifestação da arte da música”, “políticas culturais e políticas de comunicação no Brasil” e “arcabouços normativos de cultura, comunicação e radiodifusão pública”; os métodos e técnicas de pesquisa; os resultados obtidos a partir das ações estabelecidas com base nos objetivos específicos; e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, estão presentes os dados provenientes da pesquisa bibliográfica realizada, os quais foram organizados em quatro seções. A primeira traz uma discussão crítica acerca das diferenças entre as esferas da comunicação pública e da indústria cultural, assim como a influência que exercem uma sobre a outra. Em seguida, a segunda seção adentra em tópicos mais específicos, que tratam do serviço público de radiodifusão e a manifestação da arte da música. A terceira seção aborda a temática das políticas culturais e de comunicação no Brasil. Por fim, na quarta e última seção, são abordados os arcabouços normativos de cultura, comunicação e radiodifusão pública presentes em âmbito internacional, nacional e do Distrito Federal.

2.1 Comunicação pública vs indústria cultural

A comunicação pública e a indústria cultural, por mais que sejam duas esferas distintas, com abordagens e objetivos diferentes, regularmente se intersectam e exercem influência uma à outra, constituindo assim um processo de caráter bidirecional.

A comunicação pública, conforme aponta Jorge Duarte (2007), foi concebida a partir da noção de comunicação governamental e ocorre no espaço que compreende os fluxos de informação e de interação entre agentes públicos (governo e Estado) e atores sociais (sociedade civil) no que concerne a assuntos de interesse público. Dentre os principais meios que viabilizam a difusão dos fluxos de informação estão: a rádio, a TV, as revistas, jornais e, a que possui maior peso nos tempos atuais, a internet. Outrossim, como é importante frisar, a comunicação pública carrega consigo o objetivo principal de fornecer informações sobre questões relevantes para o público, além de promover o debate de negociações, conflitos e acordos. Dessa forma, permite que os cidadãos tomem decisões informadas e participem ativamente nos processos democráticos. Portanto, “a Comunicação Pública ocupa-se da viabilização do direito social coletivo e individual ao diálogo, à informação e expressão. Assim, fazer comunicação pública é assumir a perspectiva

cidadã na comunicação envolvendo temas de interesse coletivo” (Duarte, 2007, p.2).

Não obstante a menção, no parágrafo que antecede a este, de que a noção de comunicação governamental foi responsável por dar origem ao que se conhece como comunicação pública, é substancial para esta monografia pontuar algumas diferenças que permeiam ambos os conceitos. Apesar das duas estarem “obrigadas à satisfação da vontade geral da sociedade” (Lessa, 2017, p. 5), no âmbito da comunicação governamental, quem promove suas funções é unicamente Estado, já na comunicação pública, como bem posiciona Heloiza Matos (2011), incorpora-se a participação da sociedade e seus segmentos, e estas não ficam limitadas ao papel de somente receptoras da comunicação do governo, isto é,

Atuam principalmente como produtores ativos no processo comunicacional. Assim, são também atores, na comunicação pública a sociedade, o terceiro setor, a mídia, o mercado, as universidades, as instituições religiosas e os segmentos a que se tem negado reconhecimento – estejam eles vinculados ou não a instituições ou associações formais (Matos, 2011, p. 45).

Nessa direção, um outro fator que é elementar ao âmbito da comunicação pública e que, simultaneamente, representa um desafio para ela, é a missão de elevar a perspectiva da sociedade e do cidadão acima das instâncias governamentais, privadas, midiáticas, pessoais e políticas. Em outras palavras, trata-se de incorporar o “espírito público, o compromisso de colocar o interesse da sociedade antes da conveniência da empresa, da entidade, do governante, do ator político” (Duarte, 2007, p. 3).

Em um contexto em que a comunicação e a cultura – ou mais especificamente, a manifestação artístico-cultural - se entrelaçam, o atrito entre os princípios da indústria cultural e os da comunicação pública torna-se evidente, uma vez que a primeira está intrinsecamente vinculada ao mercado e busca atingir um grande público para fins comerciais. O conceito de indústria cultural, criado por dois pensadores e cientistas sociais alemães da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, é considerado central para os estudos culturais e as análises de mídia, e, em sua obra clássica denominada “Dialética do Iluminismo”, os mesmos filósofos tecem uma forte crítica à indústria cultural, quando apontam que a mesma é responsável por articular, nas sociedades capitalistas avançadas, o engajamento da população em atividades consideradas essenciais para a manutenção do sistema

econômico e social, isto é, o consumo estético em massa (Rüdiger, 2001, p. 131-133). Nesse sentido, Adorno e Horkheimer acreditam que “o aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população” (Adorno; Horkheimer [1947], 1985, p. 14).

Por outro lado, Siegfried Kracauer e Walter Benjamin trazem uma perspectiva positiva em relação ao progresso técnico em vista de revolucionar a arte. Para eles, o capitalismo, as novas formas de arte tecnológicas e a produção em série de bens culturais seriam capazes de enfraquecer os privilégios culturais da burguesia - que reivindicava a exclusividade e a restrição de acesso à arte - em prol do avanço da democratização da cultura, projetando um cenário em que as massas tomam o controle dos meios de produção (apud Rüdiger, 2001, p. 134-135). No entanto, Theodor Adorno, apresentando um ponto de contradição a essas ideias, acredita que, apesar dos meios técnicos apresentarem um potencial democrático e progressista, “a pretendida democratização da cultura promovida pelos meios de comunicação é motivo de embuste, porque esse processo tende a ser contido pela sua exploração com finalidades capitalistas” (apud Rüdiger, 2001, p. 137).

Entrando no campo dos estudos culturais, os pensadores que compunham o *Centre for Contemporary Cultural Studies*, da Universidade de Birmingham, preocupavam-se em dar foco a temas que eram negligenciados no meio acadêmico de sua época, como o da cultura popular e da cultura de massa. Em contribuições mais contemporâneas aos estudos culturais, por exemplo, há uma preocupação com a questão do uso da cultura pelo povo (Martino, 2009, p. 241 e 245). Ou seja, “os ‘Estudos Culturais’ abriram espaço para grupos marginalizados ganharem legitimidade acadêmica suficiente para se firmar como pontos importantes na sociedade” (Martino, 2009, p. 246). Ademais, em uma das pesquisas realizadas pelo acadêmico inglês Richard Hoggart nesse campo, inclusive, ele traz à tona a perspectiva de que no âmbito popular não existe somente submissão, mas marca-se presente também a resistência (apud Johnson; Escosteguy; Schulman, 2000, p. 4).

Prosseguindo, outro ponto de vista crítico à articulação entre cultura e capitalismo advém dos estudos decoloniais, em que as questões de raça, etnia, gênero e da geopolítica global ganham destaque juntamente com as eminentemente econômicas. Conforme Grosfoguel (2011 apud Grosfoguel, 2016, p. 32) habilmente

situa, a trajetória da humanidade é marcada pela influência de um sistema - cuja origem remonta à expansão colonial de 1494 - que ele denomina "sistema-mundo capitalista, patriarcal, ocidental, cristão, moderno e colonialista". Segundo o sociólogo, esse mesmo sistema é responsável por reforçar uma estrutura que historicamente privilegia os estratos das elites ao redor do mundo, em detrimento dos grupos que Kurt Lewin (1890-1947), psicólogo e teórico social judeu, designa como "minorias psicológicas". As minorias psicológicas, por sua vez, podem ser identificadas a partir dos marcadores sociais da diferença que as atravessam, como gênero, religião, região, classe, raça, etnia, etc. Consoante ao que compreende o conceito de interseccionalidade na perspectiva das intelectuais Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), esses marcadores são inter-relacionados e moldam-se simultaneamente, isto é,

Em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (Collins; Bilge, 2021, p. 17).

Assim, é interessante refletir em torno da articulação desses marcadores, em como os mesmos, interseccionados, acabam por ampliar desigualdades, mas, ao mesmo tempo, a interseccionalidade pode ser utilizada para fomentar políticas públicas, como as que são objeto desta monografia, isto é, culturais e de comunicação brasileiras.

Dito isso, dentre os privilégios mencionados anteriormente, situa-se o privilégio epistêmico que, por anos, segundo Grosfoguel (2016, p. 25), perpetua "estruturas e instituições que produzem o racismo/sexismo epistêmico, desqualificando outros conhecimentos e outras vozes críticas frente aos projetos imperiais/coloniais/patriarcais que regem o sistema-mundo". Nessa linha, com base no foco de estudo de Enrique Dussel acerca da lógica genocida inerente à conquista, Grosfoguel (2016) traz em sua obra uma dimensão que relaciona a configuração das estruturas de conhecimento hegemônicas do sistema-mundo a quatro genocídios ou, como Boaventura de Sousa Santos (2010 apud Grosfoguel, 2016) intitulou, "epistemicídios" promovidos no século XVI, foram estes: contra os muçulmanos e os judeus (a conquista de Al-Andalus); contra povos indígenas, marranos, mouriscos e africanos (a conquista das Américas e a conquista de Al-

Andalus); e contra a mulher (a conquista da mulher indo-europeia). O termo “epistemicídio” pode ser compreendido enquanto processo de “destruição de conhecimentos ligada à destruição de seres humanos” (Grosfoguel, 2016, p. 26).

A limpeza étnica ocorrida no território Al-Andalus, por exemplo, em decorrência do processo de conquista colonial pela monarquia cristã espanhola, resultou em um genocídio físico e cultural (epistemicídio cultural) contra muçulmanos e judeus. Aqueles que não foram assassinados foram coagidos a se converter ao cristianismo, o que resultou no aniquilamento de sua memória, de seu conhecimento e de sua espiritualidade. Conforme reiteram Maíllo Salgado (2004) e Kettami (2012),

A ideia da monarquia cristã espanhola era unificar todo o território sob o seu comando, com “um Estado, uma identidade, uma religião”, em contraste com Al-Andalus, onde havia diversos sultanatos, com reconhecimento dos direitos das “múltiplas identidades e espiritualidades nos limites de suas fronteiras” (Maíllo Salgado, 2004; Kettami, 2012 apud Grosfoguel, 2016, p. 33-34).

Se considerarmos os casos de Al-Andalus ou dos africanos escravizados nas Américas – que foram impedidos de pensar, rezar ou de pôr em prática suas culturas, cosmologias, conhecimentos e visão de mundo –, e fizermos um exercício de analogia com as formas de discriminação e invisibilidade que persistem na atualidade, em especial, por ser foco deste trabalho, as quem envolvem o âmbito cultural, fortemente afetado pelo eurocentrismo e pela apropriação cultural, podemos perceber como a indústria cultural assume um papel análogo ao dos colonizadores do século XVI.

O sociólogo e teólogo brasileiro Zimmermann (2022), ao entender a modernidade eurocêntrica dentro do que chama de “modernidade produtivista”, destaca a realidade de povos que incorporam, de maneira idealizada,

Características e traços da razão instrumental, do racionalismo, do positivismo assim como das teorias da modernização. Esse tipo ideal é caracterizado pelo desequilíbrio entre humanos e a natureza, sendo os processos produtivos realizados pela busca incessante do lucro, pela produção de excedentes e por relações de mercado (Zimmermann, 2022, p. 91).

Assim, no Brasil, dado que a iniciativa privada gerencia uma parte considerável do capital destinado ao fomento de políticas públicas culturais, a produção artística acaba por ficar sujeita às lógicas de mercado e, nesse processo, conforme expresso por Cerqueira (2013, seção “Introdução”), o maior benefício

acaba sendo direcionado aos “empresários, produtores culturais e profissionais de Comunicação, relegando ao artista – principal responsável pela produção artístico-cultural, e que deveria ser o centro das Políticas Públicas de Cultura – um plano periférico”.

Nesse cenário, poucos são os artistas que se arriscam a produzir obras que desafiem os padrões de mercado, principalmente os que dependem de verbas provenientes de políticas públicas como a Lei Rouanet, que opera com base no sistema de renúncia fiscal. Nesse modelo, quem define os critérios de financiamento e aprovação de projetos culturais são as próprias empresas - por meio de Editais - que, na etapa de análise, tendem a priorizar projetos que atendam às suas expectativas comerciais e de imagem. Dessa forma, sustenta-se a crítica de Theodor Adorno em relação à indústria cultural:

A unidade visível de macrocosmo e de microcosmo mostra aos homens o modelo de sua cultura: a falsa identidade do universal e do particular. Toda a cultura de massas em sistema de economia concentrada é idêntica, e o seu esqueleto, a armadura conceptual daquela, começa a delinear-se. Os dirigentes não estão mais tão interessados em escondê-la; a sua autoridade se reforça quanto mais brutalmente é reconhecida. O cinema e o rádio não têm mais necessidade de serem empacotados como arte. A verdade de que nada são além de negócios lhes serve de ideologia. Esta deverá legitimar o lixo que produzem de propósito. O cinema e o rádio se auto definem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos (Adorno, 2002, p. 5-6).

Como resultado, observa-se que, recorrentemente, as formas de violação não se restringem somente à invisibilidade ou manutenção da subalternidade de alguns grupos sociais, mas incluem também o fenômeno de apropriação cultural. Rodney William, antropólogo e babalorixá brasileiro, conceitua o termo como

Um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos. Tomando como exemplo a sociedade de consumo, onde tudo se transforma em produto [...] (William, 2019, p. 29).

Sob essa perspectiva, a Indústria Cultural, que frequentemente limita a diversidade e pluralidade da arte, adota mecanismos para simular a expansão e difusão dessa arte entre grupos que possam gerar mais lucro para ela. Um exemplo, são os artistas que, embora não provenham dos extratos da elite brasileira e possuam marcadores sociais, foram incorporados pela Indústria Cultural, como

Pablo Vittar, Anitta e Juliette. Assim, torna-se necessário reforçar a importância da comunicação pública, de meios como as rádios públicas de cultura (melhor abordadas na seção subsequente 2.2), que visam ir além de objetivos lucrativos e superficiais, respeitando e buscando essencialmente abrir espaço para artistas independentes que não estão vinculados a grandes gravadoras, bem como para artistas de países menos desenvolvidos que, devido à lógica geopolítica e à globalização, são invisibilizados pela predominante influência norte-americana.

2.2 O serviço público de radiodifusão e a manifestação da arte da música

A rádio pública desempenha um papel importante na comunicação pública enquanto um meio que prioriza, sobretudo, o compartilhamento de informações que sejam de interesse público com a população. No Brasil, a prática de Radiodifusão está regulada como um Serviço Público e, como apontam Suzy Santos e Érico da Silveira (2007, p. 79), este último “claramente se refere à obrigatoriedade do Estado em garantir um direito aos cidadãos que representa”.

Antes de prosseguir, é importante elucidar, sob a ótica de alguns autores, o significado do termo “radiodifusão”. Primeiramente, segundo Gustavo Barbosa e Carlos Alberto Rabaça (2001), o termo significa:

1. Serviço de radiocomunicação (comunicação de sinais, sons ou imagens por meio de ondas eletromagnéticas) cujas transmissões se destinam diretamente ao público em geral, podendo compreender rádio, televisão [...] e outros tipos de transmissão. 2. Difusão sistemática de informações, mediante sinais eletromagnéticos, para recepção simultânea pelo público [...] com aparelhos receptores especiais. 3. Transmissão de programas recreativos, noticiosos, educativos, culturais e de mensagens publicitárias, oficiais etc., por meio de rádio ou TV. 4. Emissão regular de radiofonia, como horários estabelecidos, destinados a receptores indeterminados (Rabaça; Barbosa, 2001, p. 617-618).

Dando prosseguimento, conforme a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL, 2021) ressalta, a radiodifusão é composta pela radiodifusão de sons e imagens (televisão) e a radiodifusão sonora (rádio) e, além disso, compreende os serviços que, conforme a legislação brasileira, devem ser recebidos direta e livremente pelo público em geral.

Avançando, no campo científico-acadêmico que estuda o serviço público de radiodifusão brasileiro, existe uma preocupação a respeito do entendimento da

Rádiodifusão Pública enquanto uma atividade de interesse público, enxergando a possibilidade de essa estabelecer ligação com objetivos comerciais. A grande questão nesse receio é que, historicamente, as leis tendem a amparar os propósitos concentradores da iniciativa privada, o que, conseqüentemente, resulta na concessão de privilégios a alguns, em detrimento de outros (Brittos, 2007, p.11). No que diz respeito à influência do sistema capitalista na transformação do papel do Estado como empresário, modificando consideravelmente a regulamentação em vista de fortalecer os mercados e as privatizações como retrocesso às políticas públicas, o mesmo autor exprime:

Uma das características desse novo tempo histórico é o retrocesso das políticas públicas, sendo a maioria das alternativas denunciadas como censura por parte dos empresários, como se eles não exercessem controle sobre aquilo que é publicizado, envolvendo panoramas políticos, demandas, reivindicações, identidades e expressões artísticas com distanciamento dos interesses públicos (Brittos, 2007, p. 12).

Sendo assim, como um dos objetivos centrais da rádio pública é estabelecer uma programação que, necessariamente, seja diversificada, educativa e culturalmente relevante para atender às necessidades da comunidade e promover a participação cívica, e fatores como esses dificilmente serão priorizados pela iniciativa privada caso não sejam algo que gere lucro para ela, é necessário enxergar a rádio pública, assim como outros serviços públicos de comunicação, como meios importantes para a manutenção da comunicação democrática no país. Seguindo essa linha, a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais de 2007 da UNESCO defende que “as atividades, bens e serviços culturais possuem dupla natureza, tanto econômica quanto cultural, uma vez que são portadores de identidades, valores e significados, não devendo, portanto, ser tratados como se tivessem valor meramente comercial” (UNESCO, 2007, n.p.).

No que se refere à cota educativa que toda rádio pública deve incorporar em sua programação, existem estudos que oferecem perspectivas fundamentadas sobre a crucial conexão entre a educação e a promoção da diversidade e pluralidade cultural. O Ministério da Educação, por exemplo, nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*, publicadas em 2006, traz, no item 1.6, intitulado “diversidade e pluralidade cultural”, um importante questionamento, originado nas décadas de 1980 e 1990, sobre a ênfase

regularmente atribuída aos conteúdos curriculares das artes europeia e norte-americana, isto é, uma arte predominantemente branca e masculina. Nesse contexto, ressalta que o ideário do Ensino da Arte contempla

As diferenças de raça, etnia, religião, classe social, gênero, opções sexuais e um olhar mais sistemático sobre outras culturas. Denuncia, ainda, a ausência das mulheres na história da arte e nos seus circuitos de difusão, circulação e prestígio. Considera-se, ainda, a educação especial, tomando o aluno portador de necessidades educacionais especiais como detentor de uma cultura de minoria no espaço escolar, pondo em pauta a necessidade de reforçar a herança estética e artística dos alunos de acordo com seu meio ambiente. Enfim, exige valores estéticos mais democráticos, o que se chama de alfabetização cultural: possibilitar que aluno desenvolva competências em múltiplos sistemas de percepção, avaliação e prática da arte (Brasil, 2006, p. 177).

Em síntese, o serviço de radiodifusão pública desempenha um papel fundamental na promoção e difusão da arte da música. Assim, as emissoras públicas têm sido reconhecidas como importantes defensoras da diversidade e pluralidade cultural, não apenas enquanto agentes educacionais, mas também como veículos essenciais para a visibilidade de artistas em ascensão, sobretudo os mais alternativos e locais, que frequentemente enfrentam desafios na divulgação de suas obras, principalmente em rádios comerciais que, por sua vez, tendem a favorecer artistas já estabelecidos e populares. Nessa linha, é importante reconhecer também a importância da diversidade musical, a qual é capaz de trazer aos ouvintes a oportunidade de experimentar e apreciar uma variedade de formas de expressão musical, fazendo com que a experiência cultural seja enriquecida. Por essa razão, torna-se essencial compreender as políticas culturais e políticas de comunicação no Brasil, uma vez que elas desempenham um papel crucial na garantia do funcionamento desse serviço de inestimável relevância. Na seção subsequente, esse ponto será melhor elucidado.

2.3 Políticas culturais e políticas de comunicação no Brasil

A política cultural no Brasil compreende um conjunto de diretrizes, programas e ações governamentais cujo objetivo é fomentar o desenvolvimento e a promoção da cultura no país. As políticas culturais, ainda, conforme destacam Paula Félix e Taiane Fernandes (2007), são formulações e/ou propostas das quais o

desenvolvimento pode partir da ação da administração pública, de organizações não-governamentais e empresas privadas. Sobre o alvo dessas políticas, Isaura Botelho (2001) identifica dois importantes focos: a dimensão de cultura sociológica e a dimensão de cultura antropológica. A dimensão sociológica, que carrega o privilégio de ser o foco majoritário de tais políticas, a mesma autora conceitua:

É uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitam expressá-los (Botelho, 2001, p. 74).

Quanto à dimensão antropológica de cultura, Roque de Barros Laraia (2001) explica que ela nasce da interação entre as pessoas, podendo se manifestar a partir do desenvolvimento da inteligência, domínio dos símbolos e dos meios de comunicação entre os indivíduos. Adicionalmente, segundo a ótica do antropólogo britânico Edward Tylor (1832-1917) - responsável por definir pela primeira vez o conceito de cultura mais difundido atualmente - a cultura é “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (Tylor, 1871 apud Laraia, 2001, p. 25). Para Botelho (2001), a cultura, em seu sentido antropológico, é responsável por garantir aos indivíduos equilíbrio e estabilidade no convívio social.

No que se refere ao desenho das políticas públicas de cultura no Brasil, Marcelo Viana Estevão de Moraes (2021) aponta que ele passou por uma mutação no início do século XXI, tendo como “norte” a concepção de cidadania cultural enquanto articulação sinérgica das dimensões de cultura política, econômica e simbólica. Com base nisso, o mesmo autor infere que “os direitos culturais devem ser considerados basicamente em uma dupla abordagem: acesso do cidadão ao usufruto de bens simbólicos e à provisão de recursos para que possa ‘produzir cultura’ como sujeito ativo da ação cultural” (Moraes, 2021, *on-line*). Outrossim, como é pertinente elucidar, nesse processo, onde o cidadão passa a ser visto não somente como beneficiário da política cultural, mas como uma peça que desempenha um papel ativo enquanto produtor de cultura e agente da própria política cultural, acaba por estabelecer-se, segundo Marcelo Viana Estevão de

Moraes (2021), uma comunidade de políticas públicas de cultura que agrega uma variedade de atores sociopolíticos.

Por conseguinte, mediante às demandas que surgem das constantes transformações culturais observadas nos tempos atuais e da crescente complexidade das políticas públicas culturais, torna-se necessária, para sua consecução, a inclusão de diferentes setores e agentes sociais, sobretudo atuando em conjunto e com o Estado (Félix; Fernandes, 2007). Além disso, como ressalta Marcelo Viana Estevão de Moraes, é

Preciso uma estrutura burocrática que possa dar conta de uma gestão estratégica que envolve formular e avaliar políticas públicas; promover a articulação e o debate entre os diversos níveis de governo, a sociedade e o mercado; gerir o sistema de incentivos para a cultura; fomentar a economia da cultura, a cultura popular e a indústria criativa; executar o orçamento e repassar recursos para projetos e atividades pertinentes (Moraes, 2021, *online*).

Todas essas considerações tornam-se ainda mais elementares quando se pensa no caráter transversal do campo cultural, entendendo que ele perpassa por diversas esferas que compõem a sociedade atual, como a educação, a economia, a política, a religião, a comunicação, o direito, a diversidade, etc.

Partindo para as políticas de comunicação no Brasil, é importante começar pontuando que as mesmas consistem em um conjunto de normas e diretrizes que regem o setor de comunicação no país. Esse setor constitui-se um dos mais importantes para o país, na medida em que influencia a liberdade de expressão, a diversidade de opiniões, a produção cultural e o acesso à informação. No Brasil, os meios de comunicação funcionam em um modelo misto, no qual existem emissoras de rádio e televisão privadas, públicas e comunitárias. A respeito da comunicação pública, que é foco deste estudo, Duarte aponta que ela

Pode ser importante para: identificar as necessidades da sociedade; deliberar diretrizes para uma ação pública; garantir a qualidade na elaboração de políticas públicas; nortear uma gestão pública eficiente; dar oportunidade para que os cidadãos possam participar do processo de construção de políticas; assegurar pluralidade nas discussões públicas; incitar a prática da cidadania; melhorar o desempenho dos serviços públicos e contribuir para a análise generalizada do desenvolvimento das ações públicas que se relacionam às demandas coletivas (Duarte, 2009 apud Rothberg; Liberato, 2013, p. 81).

Em sequência, entendendo que o objetivo central das políticas de comunicação é garantir a pluralidade, a liberdade e o acesso à comunicação, bem

como promover a diversidade cultural e a inclusão social, Jorge Duarte (2007, p. 6) reconhece que os governos devem assumir o papel de principais indutores da comunicação pública, tendo em vista sua capacidade de auxiliar no “estabelecimento de padrões adequados de comunicação na sociedade por meio da formalização e adoção de múltiplas políticas públicas que orientem os processos de interação e troca de informações de interesse coletivo”.

Uma questão que deveria receber maior foco de atenção por parte dos governos, especialmente por constituir uma barreira à democracia e limitar a diversidade e pluralidade de vozes, é a concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos grupos econômicos. Lembrando que a diversidade e a pluralidade de conteúdos estão entre os aspectos mais importantes das políticas de comunicação no Brasil. Nesse sentido, muito se tem debatido a respeito da regulação da mídia no país, onde alguns defendem, argumentando ser necessária uma regulamentação mais rígida para combater a concentração de poder e garantir a diversidade de vozes, e outros contestam, pois acreditam que a regulação excessiva pode ameaçar a liberdade de expressão.

Dito isso, na última seção deste capítulo de referencial teórico, serão examinados os arcabouços normativos de cultura, comunicação e radiodifusão que fornecem a base legal e estrutural para a orientação e regulação das políticas culturais e de comunicação, tanto no âmbito global quanto no Brasil e, em particular, no Distrito Federal.

2.4 Arcabouços normativos de cultura, comunicação e radiodifusão pública

Dentre as principais normas internacionais que tratam da cultura estão: 1) a *Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH)* (1948), que reconhece em seu texto a importância da cultura para o desenvolvimento pleno da pessoa humana e, em seu artigo 27, estabelece que “toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios”. Além disso, dispõe também que “toda pessoa tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor”; 2) a *Convenção da*

UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (2003), que, dentre outras coisas, considera a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável e estabelece medidas para a sua proteção e salvaguarda; 3) a *Convenção da UNESCO sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* (2007), que estabelece a diversidade cultural como característica essencial da humanidade e patrimônio que deve ser valorizado e cultivado em benefício de todos, instituindo assim medidas para a promoção da diversidade cultural e a proteção das expressões culturais.

Partindo para os dispositivos da CF/88 que tratam sobre a cultura no Brasil, interessa mencionar, primeiramente, seu artigo 5º, inciso IX, que garante o direito à liberdade de expressão na manifestação intelectual, artística, científica e de comunicação. No artigo 215, dessa mesma lei, é atribuído ao Estado o dever de garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, assim como o de apoiar e incentivar a valorização e a difusão das manifestações culturais. Já no artigo 216, são reconhecidos como parte do patrimônio cultural brasileiro os bens materiais e imateriais que constituem a identidade e a memória do povo brasileiro.

Por fim, a respeito das normas da Lei Orgânica do Distrito Federal (1993) que regem a cultura, é importante citar: 1) o artigo 246, que imputa ao Poder Público o dever de garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes de cultura; apoiar e incentivar a valorização e difusão das manifestações culturais, bem como a proteção do patrimônio artístico, cultural e histórico do DF.

Quanto ao serviço de radiodifusão pública, existe, primeiramente, o artigo 19 da DUDH, que reconhece a comunicação como um direito humano fundamental, e assim dispõe: “todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (ONU, 1948). Adicionalmente, sendo a pluralidade e a diversidade consideradas princípios fundamentais do direito internacional, a *Declaração Conjunta sobre a Diversidade na Radiodifusão* (2007), no que concerne ao seu primeiro atributo (diversidade de veículos), confere ao Estado o dever de promover a existência das três modalidades de emissoras, são estas: públicas, comerciais e comunitárias (Mendel; Salomon, 2011, p.16).

Dentre os dispositivos da Constituição (1988) que versam sobre a comunicação social e o serviço de radiodifusão pública, estão presentes: 1) o artigo 5º, já mencionado anteriormente; 2) o artigo 220, que assegura o direito à manifestação do pensamento, à criação, à expressão e à informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, sem o sofrimento de qualquer restrição, exceto nos casos previstos pela própria Constituição; 3) o artigo 221, que determina os princípios que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão devem atender, e dentre eles estão: o da preferência a finalidades educativas, artísticas culturais e informativas; e o da promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente; 4) e o artigo 223, que atribui ao Poder Executivo o dever de outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observando o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal. Para além disso, é fundamental citar a Lei nº 11.652/2008, que regulamenta o funcionamento da Rádio Pública no Brasil.

Passando agora pelas normas da Lei Orgânica do Distrito Federal (1993) que regem a comunicação social e o serviço público de radiodifusão na Capital, é importante citar: 1) o artigo 258, que reconhece a comunicação como um bem social que garante ao cidadão o direito fundamental de participar dos assuntos da comunicação como maiores interessados por seus processos, formas e conteúdos; 2) o artigo 259, o qual estabelece que a atuação dos meios de comunicação estatais e daqueles direta ou indiretamente vinculados ao Poder Público deve ser caracterizada pela independência editorial dos poderes constituídos, estando assim assegurada a possibilidade de expressão e confronto de correntes de opinião; 3) o artigo 260, que atribui ao Poder Público a responsabilidade de promover a cultura regional e estimular a produção independente que objetive sua divulgação. Por fim, é pertinente citar a Lei nº 7.456 de 1º de abril de 1986, que criou o Sistema de Comunicação Social do DF.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

Esta monografia deriva de uma experiência de Residência em Políticas Públicas, realizada no período que compreende os meses de agosto a novembro do ano de 2023, e tem como objetivo geral abordar o papel dos meios de comunicação pública, mais precisamente da rádio pública ou, ainda, no que diz respeito ao objeto específico deste trabalho, da Rádio Cultura 100,9 FM, na difusão da arte da música no Distrito Federal. Para tanto, o estudo ampara-se em uma abordagem de pesquisa de natureza qualitativa, onde a técnica de investigação adotada é a etnografia aplicada (Angrosino, 2009). Essa estratégia, segundo Angrosino (2009, p. 55), permite ao pesquisador utilizar os “resultados do seu trabalho de campo para subsidiar políticas públicas, ou para contribuir com a formação e manutenção de organizações ou agências que servem à comunidade estudada”.

Por conseguinte, a pesquisadora, assumindo o papel de etnógrafa, analisa a Rádio, entendida neste estudo enquanto uma política pública, com base nos dados obtidos por meio dos seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas individuais semiestruturadas; pesquisa documental; pesquisa bibliográfica; e observação participante periférica.

As *entrevistas individuais semiestruturadas* foram conduzidas com três pessoas que trabalham na Rádio. Elas foram agendadas via *Whatsapp*, realizadas presencialmente na sede da emissora nos dias 25/09/2023 e 07/11/2023 e gravadas no *smartphone* da pesquisadora com autorização verbal e por escrito dos entrevistados (Apêndice A).

O método da entrevista permite, segundo Neto (2001, p. 57), ao pesquisador “obter informes contidos na fala dos atores sociais [...] que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada”. Para manter o sigilo dos nomes das pessoas entrevistadas, elas serão sinalizadas segundo a ordem de realização das entrevistas. Desse modo, serão chamadas de: “Entrevistado 1”, “Entrevistado 2” e “Entrevistado 3”.

Para a etapa de *pesquisa documental*, foram selecionados os seguintes materiais: documentos sonoros, sendo estes três episódios do programa Beira Mundo e três episódios do programete Realce!, ambos parte da grade de programação atual da Rádio Cultura 100,9 FM e mais voltados para a música, como de interesse deste estudo; publicações das contas oficiais do programa e

programete na rede social *Instagram*; o Regimento Interno da emissora (Portaria nº 04, de 11 de janeiro de 2022) e outras normas que regulamentam o funcionamento dela direta e indiretamente; e página oficial da emissora.

Quanto à *pesquisa bibliográfica*, esta foi empregada com o objetivo de obter os dados qualitativos secundários deste estudo, ou seja, as bibliografias que já existem sobre o tema pesquisado. Em relação ao uso dessa técnica, Marconi e Lakatos (2018, p. 63) defendem que “a pesquisa não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Ademais, os dados mencionados estão presentes no capítulo 2 deste trabalho.

Por fim, no que concerne ao último instrumento aplicado, é relevante destacar, antes de mais nada, que a categoria de *observador participante periférico* foi criada por Adler e Adler (1987) para situar o tipo de observador que assume um papel pouco ativo na organização, realizando contato diário ou quase diário com informantes-chave (Adler; Adler, 1987 apud Abib *et al.*, 2013). Nessa modalidade, em que o pesquisador pode ser reconhecido também como observador participante, os dados coletados servem, de acordo com Neto (2001), muitas vezes, para complementar os obtidos por meio de entrevistas.

A pesquisadora do presente estudo assumiu, portanto, o papel mencionado, tendo efetuado contato com três informantes-chave da Rádio durante as duas visitas realizadas na sede da organização nas datas de visita citadas anteriormente. Os dados coletados a partir da aplicação dessa técnica e outras anotações foram registradas em diários de campo (melhor abordados posteriormente) propostos pela disciplina de RPP, de dimensões descritiva, analítico-reflexiva e registro parcial. Segundo Afonso *et al.* (2015, p. 134), o diário de campo é um instrumento que “permite aos pesquisadores descreverem pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas; bem como suas ideias, estratégias, reflexões e palpites”

No primeiro diário de campo, foram documentados os primeiros dados obtidos por meio de entrevistas - realizadas, individualmente, com duas figuras que trabalham na Rádio Cultura 100,9 FM -, bem como da observação participante e da pesquisa documental. A maioria desses dados foi coletada durante a primeira imersão na sede da emissora pública, realizada no dia 25 de setembro de 2023, às 13h30, com o objetivo principal de descrever as principais características da

organização pesquisada. Dessa forma, os seguintes tópicos foram abordados: o órgão ao qual está vinculada a Rádio; o local/região onde está situada a sede, incluindo uma breve contextualização sobre sua localização atual; a história do surgimento da emissora; o cenário político-institucional no qual a Rádio está inserida atualmente; a composição dos núcleos de trabalho, os cargos e funções exercidas pelos membros da emissora; os instrumentos políticos que ela possui hoje; os princípios da organização; a cultura organizacional; as principais preocupações e metas; a organização dos documentos; o horário de funcionamento; e as redes sociais que possui.

O primeiro encontro foi agendado previamente por troca de mensagens via *WhatsApp* com a pessoa de referência na organização, cuja identidade será preservada neste trabalho.

A mesma figura também foi responsável por conduzir a pesquisadora em uma excursão por todo o ambiente físico da organização. Na ocasião, a pesquisadora fez alguns registros fotográficos - com seu *smartphone* - de espaços que compõem a sede da emissora, enquanto o guia explicava a função dos mesmos e compartilhava curiosidades sobre alguns deles. Durante a excursão, pôde-se observar a simplicidade dos ambientes em questão de estrutura, algo sobre o qual o Entrevistado 1 discute mais tarde em sua entrevista, abordando uma das possíveis causas para isso. Além disso, foi possível observar também que, durante a entrevista com o Entrevistado 1, ele transmitia um tom de grande desalento, evidenciando sua profunda preocupação com a situação de precariedade geral na Rádio. Ele destacou, em especial, a falta de recursos humanos na emissora, a qual resulta no acúmulo de responsabilidades e na sobrecarga dos colaboradores designados para essas funções.

Essas e outras questões trazidas pelo mesmo entrevistado não estavam previstas no roteiro da primeira imersão, no entanto, devido à natureza semiestruturada da entrevista, que permite certa flexibilidade, a pesquisadora optou por não restringir o curso da conversa em momentos que levaram a tópicos paralelos, uma vez que esses desvios forneceram dados relevantes para a pesquisa.

Por fim, vale mencionar também que, nesse mesmo encontro, foi apresentada ao Entrevistado 1 a proposta da Residência em Políticas Públicas do curso de

Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília (UnB), bem como a pergunta de pesquisa e os objetivos da imersão na organização.

No segundo diário de campo, foi definido - pensando na melhor estratégia para responder satisfatoriamente à pergunta de pesquisa e aos objetivos específicos - o próximo passo da pesquisa. Portanto, a pesquisadora decidiu aprofundar-se mais no tópico das estratégias que a rádio utiliza para promover a inclusão da pluralidade e diversidade no âmbito da manifestação artística musical a partir de sua programação.

Nesse sentido, foi escolhida, primeiramente, a estratégia de analisar a programação da Rádio por meio da escuta de conteúdos que a emissora armazena na plataforma de *streaming Spotify*, sejam estes episódios no formato “*podcast programa*” ou músicas organizadas em *playlists*. Em segundo lugar, realizar entrevistas individuais com algumas figuras que trabalham na Rádio, no intuito de captar alguns dados e informações sobre os programas selecionados para análise e outros complementares sobre a própria emissora. Além disso, coletar a perspectiva desses entrevistados a respeito do impacto/contribuição dos programas e da própria Rádio para, respectivamente, a difusão da arte da música diversa e plural na Capital Federal e a comunicação pública. Adicionalmente, com a intenção de explorar um pouco os conceitos trazidos no referencial teórico deste trabalho, direcionar perguntas com temas como: diferenças entre a radiodifusão pública e radiodifusão privada, instrumentos de uma política de comunicação pública versus instrumentos da indústria cultural.

Outrossim, apesar de, já na primeira imersão, o Entrevistado 1 ter feito menção aos muitos obstáculos enfrentados pela Rádio, que acabam dificultando o seu funcionamento pleno e adequado, como a falta de recurso humano, a precariedade da estrutura física que abriga a Sede e o acúmulo de funções por parte dos servidores, foi decidido mergulhar mais a fundo nisso, tentando sondar outros detalhes e perspectivas. Para isso, optou-se por incluir mais perguntas sobre esse tema para as próximas entrevistas

No terceiro diário de campo, visando otimizar melhor o tempo estipulado para a realização da presente pesquisa e cumprir propriamente o objetivo de investigar as estratégias da Rádio Cultura FM 100,9 para a difusão da manifestação da arte da música diversa e plural no Distrito Federal, ficou acordado, entre a pesquisadora e a professora orientadora deste estudo, que seriam analisados um programa e um

programete atualmente ativos no quadro de programação da Rádio, sendo estes: o Beira Mundo, produzido e apresentado por Flávia Aguiar e o “Realce!”, conduzido pela estagiária Sara Barreto e supervisionado por Flávia Aguiar. Os programas serão analisados a partir das falas de figuras da gestão da Rádio em eventuais entrevistas, da escuta de episódios e outros materiais que a Rádio disponibiliza e reúne na plataforma de *streaming Spotify*.

Após ter concluído a etapa de coleta de informações a partir da escuta de três episódios selecionados, respectivamente, do programa e programete da emissora mencionados anteriormente, a pesquisadora fez sua segunda visita à sede da Rádio Cultura 100,9 FM para realizar a segunda rodada de entrevistas. Assim como na primeira visita, foram entrevistadas duas pessoas que trabalham na emissora. O segundo encontro ocorreu em 7 de novembro de 2023, onde a pesquisadora foi prontamente atendida e conduzida para a sala onde as entrevistas foram realizadas individualmente com cada uma das pessoas selecionadas. Durante a segunda entrevista com o Entrevistado 1, notou-se novamente que ele parecia, em alguns momentos, distraído e preocupado com o que acontecia paralelamente à entrevista, de certa forma como se esperasse uma notícia ruim chegar subitamente. Por outro lado, nos momentos em que a pesquisadora observou a interação entre os membros que trabalham na Rádio, não passou despercebida a cumplicidade e união que os mesmos parecem ter uns com os outros, mesmo diante das adversidades.

Concluída a etapa de coleta dos dados, é chegado o momento de registro dos resultados parciais da pesquisa, conforme recomendado para o quarto e último diário de campo.

Antes disso, é pertinente dizer que este trabalho utilizará do método de análise de conteúdo para analisar materiais oriundos de pesquisa documental e entrevistas, e isso será melhor explicado e conceituado em outro momento. Todavia, no que diz respeito aos resultados parciais da presente pesquisa, foi possível apresentar alguns deles, especialmente considerando as informações obtidas a partir da escuta de documentos sonoros (três episódios do programa e do programete selecionados para análise) e das falas de alguns entrevistados.

Portanto, em primeiro lugar, foi possível inferir, com base nesses dados, que, apesar de todas as dificuldades relatadas que a Rádio Cultura 100,9 FM enfrenta, há um compromisso sólido por parte dos gestores da emissora pública com a difusão

da arte da música diversa e plural na Capital Federal, refletido em sua programação.

O programa Beira Mundo, por exemplo, assim como o programete Realce!, ambos esmiuçados neste estudo, demonstram o fato de que a Rádio faz a seleção de músicas, temas, convidados e artistas sem qualquer viés de interesse comercial, e a apresentadora Flávia Aguiar deixa isso explícito em um dos episódios do primeiro programa citado (Beira Convida - Na..., 2023), quando expressa que, embora algumas pessoas achem que a Rádio está antiga, outras irão reconhecer o valor de escutar algo que foi criteriosamente selecionado para estar lá, seja pelo seu significado ou pela importância que carrega. Ou seja, não envolve um sistema (algoritmo) que apenas joga e afunila gostos.

Por fim, como fruto da reflexão da pesquisadora ao mergulhar na variedade de dados obtidos por meio de diferentes técnicas já citadas anteriormente, assim como da própria contribuição dos entrevistados quando indagados sobre possíveis sugestões de soluções para a melhoria do cenário em que a Rádio está atualmente inserida, surgiram algumas ideias para possíveis soluções de curto e longo prazo, as quais serão melhor destrinchadas posteriormente.

Todavia, é importante ressaltar que a entrevista com gestores estratégicos da Rádio possuiu um foco maior em entender como funciona a gestão dela e, conseqüentemente, como trabalham para construir uma programação cujo foco central é garantir a diversidade e a pluralidade. E na oportunidade, foram investigados também os desafios que ela enfrenta nesse processo e possíveis caminhos para enfrenta-los.

Além do mais, como é relevante esclarecer, este estudo possui um papel mais alinhado às teorias críticas, identificando-se assim com a perspectiva de caráter transformativo - a qual também está orientada para a mudança social -, tendo em vista que constrói uma crítica em torno da comunicação de mercado e percebe a importância do papel da política de comunicação pública na difusão de uma comunicação voltada para a diversidade. Isto é, reconhece a atuação central dos meios de comunicação pública, como a rádio pública, na garantia de direitos humanos, como os já citados em uma seção precedente deste trabalho.

3.1 Estratégias para a análise de dados

A técnica utilizada neste estudo para analisar os dados obtidos por meio de pesquisa documental e entrevistas foi a análise de conteúdo que, segundo Moraes,

Constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (Moraes, 1999, p. 2).

Essa técnica, conforme aponta Bauer (2008), baseia-se tradicionalmente na análise de materiais textuais escritos. Entretanto, explica que é possível aplicar procedimentos semelhantes a imagens ou sons. Além disso, indica que existem dois tipos de textos para análise, são estes:

Há dois tipos de textos: textos que são construídos no processo de pesquisa, tais como transcrições de entrevista e protocolos de observação; e textos que já foram produzidos para outras finalidades quaisquer, como jornais ou memorandos de corporações. Os materiais clássicos da AC são textos escritos que já foram usados para algum outro propósito. Todos esses textos, contudo, podem ser manipulados para fornecer respostas às perguntas do pesquisador (Bauer, 2008, p. 195).

Dito isso, avança-se para a descrição da organização da análise deste estudo, a qual seguirá as especificidades do modelo proposto por Bardin (1977) para análise de conteúdo. Segundo a especialista, a organização dessa análise se dá por meio de três fases, são estas: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pré-análise inicia-se com a escolha dos documentos que serão posteriormente submetidos à análise, ou seja, a formação de um *corpus*. Para este estudo foram escolhidos: trechos das transcrições das entrevistas conduzidas com membros da equipe da Rádio Cultura 100,9 FM; e recortes dos episódios do programa “Beira Mundo” e do programa “Realce!”, os quais fazem parte da programação da emissora e estão inseridos no formato “*podcast* programa” na plataforma de *streaming Spotify*.

Na sequência, são formuladas as hipóteses, e neste estudo, a hipótese é de que a Rádio analisada, por se tratar de uma rádio pública, possui estratégias para promover diversidade e pluralidade - no âmbito da arte da música - a partir da sua programação. Além disso, sabendo, a partir da pesquisa bibliográfica realizada, dos

desafios enfrentados historicamente pelo setor da cultura e da radiodifusão pública, este estudo vai mapear os obstáculos que certamente a emissora pública analisada enfrenta.

No que diz respeito à referenciação dos índices e à elaboração de indicadores, neste trabalho, os índices surgem a partir de três dimensões: a diversidade e a pluralidade no âmbito da arte da música e os obstáculos enfrentados por uma emissora de radiodifusão pública. Quanto aos indicadores, será considerada a frequência com que esses três índices se manifestam nos documentos analisados.

A última etapa da pré-análise consiste na preparação do material, momento em que, de acordo com Bardin:

O material reunido deve ser preparado. Trata-se de uma preparação material e, eventualmente, de uma preparação formal [...] por exemplo: as entrevistas gravadas são transmitidas (na íntegra), as gravações conservadas (para informação paralingüística), os artigos de imprensa são recortados, as respostas a questões abertas são anotadas em fichas, etc. (Bardin, 1977, p. 100)

Na fase de exploração do material, é realizado o processo de codificação dos materiais, onde são definidos os códigos que possibilitam, segundo Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 105) “identificar rapidamente cada elemento da amostra recortada para pesquisa”. Segundo o método de Bardin (1977), a etapa de codificação sugere: a escolha das unidades de registro e contexto, sendo que essa última é somente necessária de ser cumprida caso os elementos codificados (unidades de registro) apresentem ambiguidade em relação ao seu significado; e a definição das categorias. As unidades de registro deste estudo, caracterizadas como temas, são estas: elementos que indicam a presença de pluralidade e a diversidade cultural na programação da emissora estudada e elementos que revelam os tipos de desafios enfrentados pela mesma na execução de sua atividade-fim (a programação). Essas unidades foram agrupadas em duas categorias, geradas a partir dos objetivos específicos deste trabalho. São estas:

1. Estratégias utilizadas pela gestão da Rádio Cultura para difundir a arte da música diversa e plural a partir de sua programação;
2. Desafios enfrentados pela Rádio Cultura que dificultam a execução de sua atividade-fim.

A última fase do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977) consiste no tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Nesse momento, segundo pontua Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 110), ocorre uma “confrontação entre teoria fundante, objetivos, hipóteses e achados da pesquisa (os indicadores), a fim de proceder inferências e redigir sínteses interpretativas”.

4 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os principais resultados da pesquisa e está organizada em três seções, elaboradas a partir dos objetivos específicos deste estudo, e que seguem o formato das categorias de análise propostas. Adicionalmente, com base em um tópico das orientações propostas pela disciplina de Residência em Políticas Públicas, que sugere apresentar brevemente a política estuada, a primeira seção traz uma breve descrição e histórico da organização analisada, neste caso, a Rádio Cultura.

Em seguida, são apresentados os resultados da análise das estratégias utilizadas pela gestão da Rádio para difundir a arte da música plural a partir de sua programação. Por fim, na última seção, são abordados os desafios enfrentados pela emissora no que diz respeito à execução de sua atividade-fim, a programação.

4.1 Breve descrição e histórico da Rádio Cultura de Brasília

A Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC) - órgão ao qual está vinculada a Rádio - possui 16 equipamentos culturais sob seu supervisionamento, dentre os quais se destaca o Espaço Cultural Renato Russo, centro cultural público localizado na 508 da W3 Sul que, atualmente, abriga em seu mezanino a sede da Rádio Cultura FM em Brasília. No entanto, como é relevante mencionar, antes dos estúdios da Rádio se estabelecerem - após um processo de mudança iniciado no final de 2010 - no endereço atual, os mesmos estiveram situados em outros locais. Inicialmente, quando a Rádio Cultura 100,9 FM foi ao ar pela primeira vez, no dia 21 de abril de 1988, a transmissão ocorria direto do edifício anexo do Palácio do Buriti, o qual, até os dias atuais, comporta os transmissores da Rádio. Posteriormente, os estúdios foram transferidos para o subsolo do Teatro Nacional.

Sobre a história do surgimento da Rádio Cultura 100,9 FM, o Entrevistada 1 conta que a mesma surgiu como uma rádio da UnB. Ou seja, a instituição de ensino superior pública foi a primeira a receber uma concessão pública - necessária - da União, mais especificamente, do Ministério das Comunicações, através do Senado Federal, para fazer o serviço da Rádio funcionar. Após um rearranjo político, a Rádio

passou a pertencer ao Governo do Distrito Federal - o qual até hoje detém a concessão sobre a emissora - e a sua supervisão ficou sob a Secretaria de Cultura.

No que concerne à composição dos núcleos de trabalho, os cargos e funções exercidas pelos membros da Rádio, existem, atualmente, referindo-se ao primeiro tópico, a Coordenação, o Núcleo de Jornalismo, o Núcleo de Programação, o Administrativo e o Setor Técnico. A respeito dos cargos, existem: 1) Na coordenação: o Coordenador Eduardo Durães; 2) No Núcleo de Jornalismo: as Jornalistas Nita Queiroz (afastada atualmente por licença maternidade), Greta e Juliana; 3) No Núcleo de Programação: os Radialistas Flávia Aguiar, Daniel Mioju, Helena (também atualmente afastada por licença maternidade) e duas estagiárias; 4) No Administrativo: Daniel Brandão, Regina (que está quase se aposentando) e um estagiário; Setor Técnico: Mauricélio. Em adição, existe também o único cargo comissionado na Rádio, preenchido pelo Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal, Cláudio Abrantes.

Dando prosseguimento, sobre os instrumentos políticos que a Rádio possui atualmente, cabe mencionar: o Conselho Curatorial da Rádio Cultura, que havia sido extinguido pela última gestão, mas voltou a ficar ativo recentemente, tendo sua primeira reunião no dia em que foi feita a primeira imersão da pesquisadora. Antes do Conselho ter sido dissolvido, o órgão consultivo conseguiu coisas muito importantes, dentre as quais pode-se destacar o Regimento Interno da Rádio Cultura e o Regimento Interno do Conselho Curatorial de Rádio Cultura. Além disso, nesse período, quem estava à frente da SECEC era o ex-Secretário Guilherme Reis, o qual se preocupou em dar uma base legal para a Secretaria de Cultura inteira, criando assim, a Lei Orgânica da Cultura e vários outros instrumentos jurídicos que deram uma organizada total na Cultura do DF como um todo. É na pretensão de espelhar isso na Rádio também, que ele acaba criando o Conselho Curatorial da Rádio Cultura.

Segundo o Entrevistado 1, o que muito garante a Rádio Cultura hoje, institucionalmente, é a Sociedade Civil, a qual apoia fielmente a emissora, sobretudo a comunidade artística, que é tocada e divulgada na Rádio. Além disso, esclarece que a atual gestão se preocupa muito em fortalecer os instrumentos institucionais Rádio e em moldar sua identidade para que ela seja uma emissora com uma identidade que se renova/moderna e que tem a missão de tocar, principalmente, artistas locais, valorizando a cena local, assim como outras coisas que atinjam um

público mais jovem também. A música alternativa, brasileira e, sobretudo, brasiliense, é muito apreciada pela Rádio, mas também são inclusas em seu repertório músicas internacionais, como as de outros países da América Latina e da África.

A Rádio Cultura 100, 9 FM é, desse modo, uma emissora pública que, conforme expressa a SECEC, cumpre duas nobres missões, são estas:

A primeira, oferecer à população informação e música de qualidade como instrumentos de promoção da cidadania; e a segunda, apoiar e difundir a produção cultural local, zelando por uma programação musical alternativa ao circuito musical comercial (Distrito Federal, 2023b, *on-line*).

Sobre a organização dos documentos da Rádio, o Entrevistado 2 explica que todo documento da emissora hoje é digitalizado via SEI e inserido no sistema, tramitando sempre por meio digital. Documentos originais, para fins de consulta, são arquivados fisicamente na própria sede da Rádio. Todo ano, os documentos que não são digitalizados são retirados, agrupados e guardados em uma caixa anual.

Por fim, no tocante ao horário de funcionamento da Rádio, a transmissão ocorre 24 horas por dia, 7 dias na semana, sem exceções de dias ou datas de feriados (Distrito Federal, 2022a).

4.2 Estratégias utilizadas pela gestão da Rádio Cultura para difundir a arte da música diversa e plural a partir de sua programação

Adentrando agora no item relacionado às estratégias empregadas pela gestão da Rádio Cultura para difundir a arte da música diversa e plural na Capital Federal a partir de sua programação, pôde-se conferir, por meio dos dados e informações obtidas nas entrevistas conduzidas com figuras que trabalham na emissora estudada, que as mesmas derivam, principalmente, do esforço da equipe de programação em estabelecer uma grade (anexo A) democrática e transversal. Isso inclui programas das mais diferentes temáticas, com uma curadoria que prioriza obras, artistas – sobretudo locais - e culturas que raramente são representados e visibilizados por rádios privadas ou, de maneira mais ampla, pela indústria cultural. Segundo o Entrevistado 1, o instrumento – imprescindível - que consolida e regulamenta esse papel pela gestão da emissora é o Regimento Interno da Rádio

Cultura, aprovado pela Portaria nº 04, de 11 de janeiro de 2022 com o objetivo de instrumentalizar e concretizar a Política de Valorização da Rádio Cultura. Inclusive, em seu Artigo 2º, estão dispostos os princípios que devem orientar sua gestão, e são estes:

Art. 2º Dentre outros previstos na Lei Complementar nº 934, de 2017 Lei Orgânica da Cultura do Distrito Federal, a gestão da Rádio Cultura deverá ser orientada pelos seguintes princípios:

- I - efetivação dos direitos culturais;
- II - garantia do direito à informação de qualidade e à liberdade de expressão na radiodifusão como instrumentos de promoção da cidadania;
- III - fortalecimento da equidade de gênero, das identidades, do pluralismo e da diversidade de manifestações artísticas e culturais historicamente excluídas do Distrito Federal e Entorno, do Brasil e do mundo;
- IV - ampliação e democratização dos processos de participação social;
- V - economicidade, eficiência, eficácia, equidade e controle social na aplicação dos recursos públicos;
- VI - transparência e compartilhamento de informações;
- VII - valorização de iniciativas de inovação e de experimentação artística;
- VIII - cooperação e complementaridade dos papéis dos agentes culturais públicos e privados;
- IX - intersectorialidade das políticas públicas de cultura com outras políticas;
- X - promoção da acessibilidade na criação e na fruição dos direitos culturais pelas pessoas com deficiência;
- XI - democratização da comunicação;
- XII - oferta de meios de participação comunitária e popular à produção de conteúdo e à elaboração da programação;
- XIII - prestação de serviços de utilidade pública (Distrito Federal, 2022b).

Ainda sobre isso, o Entrevistado 1 menciona, em sua primeira entrevista, que já houve casos na Rádio em que pessoas que trabalharam na emissora recebiam pagamentos extras ('jabá') por fora para promover certos artistas. No entanto, enfatiza que essa prática, hoje em dia, é impensável e inadmissível, e destaca:

Por isso que é importante você ter um Regimento [...] porque no Regimento Interno [...] lá tem tudo definido, como que a gente escolhe uma música, tipo [...] a gente escolhe uma música pela diversidade, pelo que ela representa e tal. E aí por isso que ela, que essa música tá tocando aqui, entendeu? Então o Regimento [...] hoje é o nosso instrumento mais forte, assim, de que nos garante [...] eh [...] essa diversidade que a gente [...] tá na programação, a hora que você liga, qualquer hora do dia que você ligar rádio, você vai conseguir encontrar com muita diversidade. Eu acho que esse é o nosso carro-chefe hoje aqui, sabe? Que a equipe inteira é muito alinhada com esse compromisso com a diversidade, eu acho que [...] que é um dos nossos maiores fundamentos assim, e de divulgar [...] eh [...] artistas que a gente sabe, principalmente locais, que a gente sabe que não tem saída em outros lugares (Entrevistado 1).

Ademais, a Rádio utiliza-se de alguns outros instrumentos que auxiliam na construção democrática e participativa de sua programação. Segundo o Entrevistado 1, a participação social é fundamental para manter a emissora viva. Portanto, cabe

mencionar, primeiramente, o Conselho de Cultura do Distrito Federal, que o Entrevistado 1 caracteriza como um espaço onde as demandas da Rádio chegam e a sociedade consegue ter voz, dar sua opinião e, eventualmente reclamar sobre questões que envolvem a emissora. Além desse, existe a iniciativa do edital de Chamamento Público para seleção de pessoas físicas interessadas na produção voluntária e de programa radiofônico na Rádio, cujo resultado provisório saiu recentemente, no dia 23 de outubro de 2023. De acordo com o Entrevistado 1, essa iniciativa representa uma forma da Rádio garantir, dentre outras coisas, transparência, impessoalidade, autonomia e maior democratização em seu âmbito, por meio da participação da sociedade civil. Por outro lado, como será melhor abordado no próximo tópico, essa ação também corresponde a uma tentativa de lidar com a situação de precariedade dos recursos humanos na emissora.

Dando prosseguimento, o Entrevistado 1 revela também que existe, na falta de uma exclusiva da Rádio, o recurso de ouvidoria da SECEC, onde recebem e-mails de elogios, etc. Ademais, existem as redes sociais vinculadas à emissora, que constituem uma forma de contato mais direto com os ouvintes. Vale mencionar que as contas oficiais da Rádio foram recentemente reativadas após o episódio de censura que sofreram no ano de 2022, e isso será melhor detalhado na próxima seção.

Diante do exposto, e como explicitado no capítulo metodológico deste trabalho, esta seção traz a análise de três episódios de dois programas – mais especificamente, um programa e um programete - que, até o momento em que foi realizada a análise, estavam ativos na grade de programação da Rádio Cultura 100,9 FM. Essa análise teve como objetivo “examinar de perto” o funcionamento da atividade-fim da emissora, com foco na identificação de elementos que evidenciem a presença de diversidade e pluralidade cultural em seu conteúdo. O primeiro programa analisado é o Beira Mundo, apresentado por Flávia Aguiar, e o segundo é o Realce!, apresentado por Sara Barreto.

4.2.1 Beira Mundo

O programa Beira Mundo, que neste ano completou seus dois anos de existência, foi criado no dia 25 de outubro de 2021 e compõe o rol de programas

transmitidos na Rádio Cultura 100,9 FM. O Programa é veiculado na rádio pública do DF diariamente às 7h, 14h e 22h e seu objetivo é ser um meio para explorar culturas que são pouco conhecidas e trazer representações para a população do DF e Entorno. Tendo como bordão a frase “Povos, Culturas e Tradições das Beiras do Mundo”, o Beira Mundo envolve, segundo a descrição de seu canal de *podcast* no *Spotify*, pesquisa musical profunda e diversificada, cultura popular, brincadeiras, encantados e encantarias, além de papos com convidados das diretos das beiras. O registro de todos os episódios do Programa está disponível na plataforma de streaming citada acima, o que facilitou bastante a análise dos mesmos.

O primeiro episódio desse Programa que será analisado neste estudo chama-se “Beira Convida - Na Trilha do Hamu”, foi veiculado no dia 25 de julho de 2023 e convida o pesquisador musical e empreendedor goiano, Lucas Hamu, para um bate papo sobre, segundo a descrição do episódio no *Spotify* (Beira Convida - Na..., 2023), as expansões que música proporciona às pessoas, a responsabilidade de garantir equidade nas escolhas musicais e os desafios de subverter os algoritmos. Na oportunidade, o convidado contribui também na escolha de músicas de diferentes partes do mundo para serem tocadas no episódio, preocupando-se em escolher canções e artistas que demonstrem a diversidade que existe dentro do aplicativo que criou, chamado Na Trilha, o qual será explicado mais à frente.

Dito isso, esmiuçando as falas do convidado através da ótica da diversidade e da pluralidade, quando o mesmo menciona seu trabalho na cafeteria Objeto Encontrado, da qual é dono e fica localizada na Asa Norte, em Brasília, ele conta sobre sua função de criar *playlists* de músicas para serem tocadas no estabelecimento, sendo essa a principal atividade que desempenha na cafeteria. Sobre isso, Hamu revela no episódio (Beira Convida - Na..., 2023) que essa função o ajudou muito a estruturar sua pesquisa na música e, além disso, abriu portas para que conhecesse e passasse a valorizar outros gêneros musicais, já que seu foco de escuta era, a princípio, o *rock* progressivo. Cada vez que ele começa a gostar de um novo gênero, o convidado relata que sente como se adquirisse uma nova identidade, cultivando uma diversidade dentro de si.

Durante a conversa (Beira Convida - Na..., 2023), a apresentadora Flávia Aguiar comenta sobre a questão do apego/fixação que algumas pessoas parecem desenvolver com determinado (os) gênero musical (ais) ou grupo de artistas, se privando, muitas vezes, de acessar coisas de fora da sua bolha. A respeito disso,

Hamu conta no episódio (Beira Convida - Na..., 2023) que ter se permitido escutar músicas que normalmente não escutaria, o ensinou a cultivar novos sentimentos, o possibilitou experimentar outros tipos de humor, ter outros tipos de amizade, acessar outros tipos de meios, culturas, espaços e lógicas de mundo.

Dando prosseguimento, Lucas Hamu, que possui mais de duzentas *playlists* públicas criadas, após ser questionado sobre como as organiza, conta como deu vida ao aplicativo Na Trilha. Contextualizando, Hamu revela no episódio (Beira Convida - Na..., 2023) que decidiu criá-lo após perceber que o *Spotify*, a plataforma que até então utilizava, o limitava de apresentar todo o conteúdo reunido de maneira organizada. O aplicativo nada mais é que um guia musical interativo e gratuito que, segundo matéria do Correio Braziliense, foi “desenvolvido com pesquisa musical, curadoria de álbuns e criação de *playlists* autorais de Lucas Hamu – e conta com a presença da Gambiarra, feira de discos e fotografia analógica” (Kunz, 2023).

Outrossim, Hamu explica no episódio (Beira Convida - Na..., 2023) como o aplicativo está estruturado. Portanto, com o intuito de deixar mais satisfatória a experiência de navegação do usuário entre os mais de mil álbuns disponíveis, o aplicativo disponibiliza quatro formas de pesquisa: a partir dos países, que permite ao usuário buscar no mapa-múndi o país cuja música deseja escutar; no Brasil, é possível também clicar nos estados; a partir das décadas ou anos específicos, arrastando a linha do tempo; por gêneros musicais; por *moods*, que ele explica ser diferente de como outros streamings fazem usualmente, no sentido de que é comum ver categorias como “alegre, triste, melancólico, etc.”, mas no Na Trilha, os *moods* se conectam com as atividades do dia a dia, como faxina, piscina, estrada, crianças, noturno, entre outros; e por palavras-chave.

Um ponto interessante que Hamu traz no bate papo (Beira Convida - Na..., 2023) e que reflete o cuidado e sensibilidade de sua pesquisa musical, é o fato do convidado focar muito em músicas latinas e africanas, explicando que, no geral, esses dois tipos são os que mais carecem em nossa cultura, sobretudo, a grande diversidade que existe dentro deles. Ele aponta que muitas plataformas e sites tendem a generalizar a natureza das músicas latinas e africanas. Nesse sentido, enfatiza que assumiu a responsabilidade de trazer mais diversidade e equidade para a base de dados do Na Trilha, preocupando-se, assim, em não reforçar o que sempre foi historicamente elegido como “alta cultura” ou o que é comercial e criado para o consumo de massa (indústria cultural).

Falando sobre algoritmos, Lucas explica no episódio (Beira Convida - Na..., 2023) como sua pesquisa e aplicativo os confrontam, uma vez que adotam critérios de seleção musical que não estão vinculados a nenhum interesse comercial. Ademais, o convidado explica brevemente como os algoritmos funcionam e como regularmente reproduzem racismo, machismo e outras formas de intolerância que existem na sociedade.

Partindo para o segundo episódio escolhido, que foi veiculado no dia 22 de agosto de 2023 e chama-se “Beira Convida - Mestre Zé do Pife”, a apresentadora Flávia Aguiar convida desta vez o Mestre Zé do Pife e seus discípulos Fernando Cheflera e Natália Alencar para contarem um pouco sobre a trajetória do artista que fez história no DF e se tornou um dos maiores formadores de músicos de culturas tradicionais no DF: Seu Zé do Pife. Durante o bate papo, também é abordada a tradição do pife no Brasil e no mundo e a convidada Natália conta a história de seu livro “O tocador e o tempo: uma homenagem ao mestre Zé do Pife”. Adicionalmente, seguindo o formato do episódio anterior, os convidados também contribuíram neste com indicações de músicas para serem tocadas durante as pausas, sendo que Seu Zé do Pife, em alguns momentos, faz interpretações ao vivo com voz e pife e explica os significados e histórias por trás de algumas de suas composições.

Dando prosseguimento, no início do episódio, após interpretar uma canção ao vivo, o artista pernambucano conta um pouco sobre o início de sua trajetória com o pife, que nada mais é que um instrumento musical de sopro, e sobre o contexto de sua vinda para a Capital Federal. Seu Zé do Pife no episódio (Beira Convida - Mestre..., 2023) que as portas abriram para sua carreira quando ele migrou de Pernambuco para São Paulo, onde trabalhou em obras de metrô e se apresentou em programas televisivos conhecidos, como do Silvio Santos, Raul Gil e Chacrinha. Quando veio para Brasília, começou a tocar pife na Universidade de Brasília (UnB), atraindo a atenção de diferentes pessoas da comunidade, e algumas, eventualmente, foram se juntando a ele e se tornaram seus aprendizes, incluindo a convidada Natália Alencar. Foi na instituição, inclusive, que o artista formou, em 2007, a banda de pífanos Mestre Zé do Pife e as Juvelinas.

Quando o convidado Fernando Cheflera toma a palavra, ele conta como conheceu e se tornou discípulo do Mestre Zé do Pife. Além disso, conta um fato muito importante sobre a trajetória do artista na UnB. Cheflera no episódio (Beira Convida - Mestre..., 2023) que, inicialmente, o Mestre obtinha apoio da universidade

e, com isso, ministrava oficinas de pife - das quais participava - que funcionavam como projeto de extensão. No entanto, posteriormente, o artista perdeu esse apoio e acabou fundando o Ponto da Alegria na universidade para continuar com suas atividades com muita resistência.

Para finalizar, o terceiro episódio do Beira Mundo selecionado como objeto de análise para este estudo intitula-se “Beira Convida - Palestina” e foi veiculado no dia 11 de outubro de 2023. Neste episódio, o internacionalista, socioambientalista e comunicador Thiago Ávila é convidado a falar sobre o contexto histórico, social e político que envolve Palestina e Israel. No decorrer do bate-papo, como consta na descrição do episódio na plataforma *Spotify* (Beira Convida - Palestina..., 2023), o convidado lamenta as mortes de civis, denuncia as calamidades vividas pelo povo palestino - como o apartheid e a colonização que o país enfrenta -, reflete sobre semelhanças entre Brasil e Palestina e propõe solidariedade internacional pela liberdade palestina como caminho possível para a paz.

Logo no início do episódio, Thiago expressa no episódio (Beira Convida - Palestina..., 2023) o prazer que é para si contribuir com a Rádio e o valor que atribui ao Beira Mundo, acreditando ser esse um meio importante para a educação internacionalista e cultural. Quando ele começa a contextualizar a situação complexa do conflito palestino-israelense, faz menção ao movimento de invisibilização de culturas ao redor do mundo, ressaltando que, em sua opinião, o Programa consegue muito tratar muito bem sobre a temática, especialmente quando envolve os povos do sul global, mas revela que o mesmo também acomete os povos do oriente, como o palestino. Essa forma de preconceito e de opressão chama-se orientalismo, e seu objetivo é fazer com que as pessoas não conheçam nada sobre os povos que não fazem parte da cultura da sociedade dita ocidental moderna.

Após a parte de contextualização feita pelo convidado, a apresentadora Flávia Aguiar, seguindo o molde do Programa, seleciona uma música para tocar na primeira pausa. A primeira música selecionada, conforme explica a apresentadora no episódio (Beira Convida - Palestina..., 2023), chama-se “*In 1948*” (tradução: em 1948), é uma obra do grupo *Checkpoint 303* - cujo nome faz referência aos postos de controle que Israel estabeleceu em vários lugares do território palestino - e retrata o episódio de êxodo palestino ocorrido na época, conhecido como “*Nakba*” (que significa “catástrofe” em árabe). Além disso, a canção pertence ao álbum chamado “*The Iqrit Files*”, que faz homenagem a uma aldeia palestina chamada “*Iqrit*”, a qual

foi bastante impactada pelo processo de invasão territorial protagonizado pelos sionistas. Como resultado, a aldeia foi completamente devastada, sobrando somente uma igreja em ruínas e um cemitério - que as pessoas podem voltar somente para enterrar seus ancestrais -, e todos seus habitantes expulsos. Muitos morreram, mas quem interpreta algumas partes da música é uma das sobreviventes da invasão, chamada Jawaher Shofani. A música contém também partes de arquivos de áudios que retratam sobre a questão dos direitos humanos e sobre quem foi a favor ou contra a criação do Estado de Israel em uma votação ocorrida na época.

Assim como a canção descrita acima, as demais que o episódio traz também retratam a realidade e a resistência do povo palestino desde a época da invasão até os dias atuais. A capa de uma das canções trata-se, inclusive, de um registro fotográfico feito de uma criança, de aproximadamente quatro anos, segurando um bebê e o amamentando, o que demonstra a realidade de muitas crianças órfãs palestinas. Outra traz um verso que diz “viva a Palestina, esmague o sionismo”.

Não somente nesse último episódio, mas nos demais abordados neste estudo, é possível perceber a sensibilidade da Rádio Cultura 100,9, dos apresentadores e demais convidados em trazer muita diversidade e representatividade nos episódios, seja por meio da música e seus artistas ou por meio dos temas abordados nos bate papos. Consumir o Beira Mundo realmente oferece a oportunidade de conhecer, apreciar e valorizar, como é dito em seu bordão, povos, culturas e tradições de diferentes lugares do mundo. Sobretudo porque nele se faz presente o aspecto educativo, que é crucial para promover a diversidade e pluralidade cultural, como discutido na parte teórica deste trabalho. Além disso, constitui um dos papéis que toda emissora de radiodifusão pública deve cumprir, que é o de ser educativa.

Segundo a perspectiva do Entrevistado 1, o impacto do programa Beira Mundo na Rádio Cultura é significativo. Nesse sentido, ele destaca:

O impacto desse programa no Rádio, ele é muito forte porque, imagina, você tá [...] alguém [...] que hoje em dia as pessoas escutam muito dentro dos carros, principalmente, né? A pessoa tá no carro indo para o trabalho, aí, se for um ouvinte da Cultura, já tá [...] já se acostumou com isso, mas pensa uma pessoa que [...] aleatória, uma pessoa que não é da área da cultura [...] e ela aperta o botão [...] e cai na Rádio Cultura, e tem um indígena cantando uma música, é uma coisa assim [...] muito [...] inesperada [...] é muito [...] eu acho que é muito revolucionário, entendeu? [...] porque, pensando que esses, essas pessoas que produzem essas culturas, elas não têm espaço em nenhum outro lugar [...] você não vai ouvir

uma música Palestina em nenhuma outra rádio, que eu conheça, do Brasil. Talvez numa Rádio Pública, como a "Frei Caneca", lá em Pernambuco, mas, mesmo assim, com todo esse contexto, com essa pesquisa [...] que traz esse outro significado pra essa música que a gente tá ouvindo [...] você não vai ouvir. [...] então eu acho que é muito importante, porque aí, quando uma pessoa tem a possibilidade de ouvir uma música dessa [...] essa pessoa, ela se amplia, né? Ela se transforma, ela já é outra pessoa, tipo [...] a cultura, ela tem essa possibilidade de expandir [...] eh [...] visões (Entrevistado 1).

No que concerne aos critérios para a curadoria de materiais, temas, artistas e convidados a serem, respectivamente, abordados, visibilizados e representados no Programa, o Entrevistado 1 revela que são determinados pela busca da apresentadora pelo que está nas "beiras" – ou seja, o que não está no centro, mas sim nas margens, na periferia – e são influenciados pela subjetividade dela própria.

4.2.2 Realce!

O próximo programa da Rádio Cultura 100,9 FM selecionado para este estudo é intitulado "Realce!". Também conhecido como "O lampejo sonoro do Distrito Federal", este projeto, na verdade, pode ser classificado como "programete", uma vez seus episódios têm uma duração média consideravelmente curta, variando entre cinco e onze minutos. Dito isso, o Programete é veiculado semanalmente na Rádio, indo ao ar todas sextas às 13h30 da tarde, e a pessoa responsável por sua produção e apresentação é Sara Barreto, estagiária da emissora pública, com supervisão de Flávia Aguiar. Seus episódios também se encontram disponíveis na plataforma *Spotify*, e é a partir deles que a análise do Programete será feita.

Após analisar algumas postagens na rede social oficial do Programete no Instagram, informações básicas sobre ele se tornaram evidentes. A primeira delas é que o Realce! tem como principal objetivo promover a valorização e visibilidade da arte e cultura local (Realce!, 2023b). A segunda é que, com uma curadoria jovem e instigante, Sara muito tem contribuído para enaltecer a cultura do Distrito Federal, por vezes ainda desconhecida, e destacar as estrelas da música na Capital Federal (Realce!, 2023a). Em todo episódio, a apresentadora seleciona um artista brasileiro para contar um pouco sobre sua história e mostrar sua arte. Eventualmente, os próprios artistas contribuem com uma fala breve no episódio, no entanto, a maior parte falada fica a cargo de Sara Barreto.

Sendo assim, no primeiro episódio desse Programete selecionado para análise, veiculado no dia 06 de outubro de 2023, os artistas brasilienses destacados são: o rapper, cantor e compositor, Murica; e a compositora, cantora e instrumentista, Letícia Fialho. Juntos, conforme descrito na descrição do episódio no *Spotify* (Realce! com Murica..., 2023), os artistas lançaram, no dia 04 de outubro de 2023, o EP intitulado *O Que Restou da Maravilha*, que constitui uma encruzilhada de sons, ritmos e vivências e, além disso, representa uma celebração da amizade de ambos. A sigla “EP” significa “Extended Play” e “caracteriza uma gravação de música que é mais longa do que um single, mas contém menos faixas do que um álbum ou um LP. Os EPs nos dias de hoje contêm cerca de 4-5 músicas” (Avramova, 2022, *on-line*). O nome da obra parte da junção dos álbuns “*Maravilha Marginal*”, de Letícia, e “*O Que Restou da Marginália*”, de Murica, que traz muitos elementos da música brasileira em conjunto com o Rap. Neste episódio, Letícia faz uma participação especial, onde compartilha com os ouvintes sua visão sobre o trabalho.

No início do episódio (Realce! com Murica..., 2023), quando introduz a apresentação sobre o artista Murica, Sara destaca um ponto importante a respeito de sua arte, que é sobre a diversidade regional que a mesma carrega, sendo uma mistura de Brazlândia, Samambaia, Ceilândia e Taguatinga. Inclusive, a canção “*Quem*”, que faz parte do projeto do artista com Letícia Fialho, descrito anteriormente, e que foi pessoalmente escolhida por Murica para ser tocada no episódio, é uma faixa que fala sobre Brasília, citando a periferia onde cresceu.

Outrossim, Murica, conforme narrado pela apresentadora no episódio (Realce! com Murica..., 2023), sempre recebeu um grande estímulo de seu pai para explorar obras literárias e, inicialmente, ele se interessou por autores como Graciliano Ramos e Gregório de Matos. Como resultado, descobriu seu encanto pela palavra e, eventualmente, seu interesse pelo Rap.

Quando mais jovem, Sara narra no episódio (Realce! com Murica..., 2023) que o artista participava de batalhas clássicas em Brasília, como a de Taguatinga, a do Museu na Esplanada e a da Escada na UnB, onde demonstrava a visão de mundo de um jovem periférico que tinha muito conteúdo para compartilhar. Por isso, chamava muita atenção também, pela sua capacidade de mostrar, mesmo sendo ainda muito jovem, notável maturidade e compreensão da realidade desigual presente no Brasil, sobretudo na Capital do país. E foi na arte que Murica encontrou

uma maneira de subverter esse abismo social. A garra, a essência e a potência do povo brasileiro estão sempre em evidência em suas composições. Em 2017, fundou com grandes amigos o grupo Puro Suco, que reúne ideologias como essas em uma referência genial à tropicália - movimento cultural brasileiro da segunda metade da década de 1960.

Como foi possível observar, o formato do episódio envolve a narração de Sara que, ao apresentar a história do artista, faz gancho com as canções dele, explicando-as enquanto as reproduz em sincronia com suas palavras.

Dando continuidade, desta vez, no segundo episódio selecionado para análise - veiculado no dia 20 de outubro de 2023 - a artista que recebe os holofotes é a cantora, compositora e instrumentista goiana, naturalizada em Brasília, Asú. Seu nome, de acordo com a descrição do episódio no *Spotify* (Realce! com Asú..., 2023), significa, em Tupi-Guarani, "gigante" e representa a potência da artista nos palcos.

Neste episódio, além da apresentação de Sara, há também uma breve contribuição de fala da artista, expressando o que a música representa para si e os seus sonhos no ramo. Em seguida, conforme o episódio se desenrola, a apresentadora cita nele (Realce! com Asú..., 2023) também alguns dos temas íntimos abordados por Asú em sua arte, sendo estes: espiritualidade, memória e afetos. Além disso, revela um fato interessante sobre o nome da artista: inicialmente, ele era apenas sua alcunha profissional, mas, posteriormente, tornou-se parte da identidade social de Asú, que se descobriu como pessoa não-binária. Portanto, pertencimento e reconhecimento são parte de sua trajetória enquanto integrante da comunidade LGBTQIAPN+.

Em 2018, segundo pontua Sara no episódio (Realce! com Asú..., 2023), a artista lançou o primeiro EP de sua carreira, intitulado "Mãe De Mim", que incorpora elementos como batuques, tambores e instrumentos de percussão. Suas composições são frutos de suas pertenças, o que inclui a umbanda, religião de matriz africana. No geral, Asú fala muito em suas canções sobre natureza, crença e identidade.

Por fim, no terceiro e último episódio selecionado para análise, veiculado no 27 de outubro de 2023, quem ganha visibilidade é a cantora e compositora brasiliense Maíra Guedes. Segundo a descrição do episódio no *Spotify* (Realce! com Maíra..., 2023), a discografia da artista incorpora ritmos e sons distintos, que vão desde o mais calmo ao mais animado, e suas composições são o que mais chamam

atenção, trazendo muito da mensagem de amor, sonho e esperança. Além disso, conforme mencionado por Sara no início do episódio (Realce! com Maíra..., 2023), a cantora encontrou na arte um caminho amoroso para ressignificar suas vulnerabilidades.

Nascida em Curitiba, Maíra considera Brasília seu lar de coração, tendo se mudado para a Capital Federal ainda na infância. Sobre suas origens, Sara conta no episódio (Realce! com Maíra..., 2023) que a artista é fruto de uma mistura de pais cariocas, familiares italianos e outros parentes mineiros. Além disso, possui um histórico constante de envolvimento com a arte e é sobrinha de Milton Guedes, um renomado cantor e compositor multi-instrumentista brasileiro. Ademais, a apresentadora também menciona que a família da cantora é bastante musical, tendo assim, outros membros inseridos no mundo da música. Na infância, sua grande inspiração era a cantora Sandy.

Outro fato que Sara narra no episódio (Realce! com Maíra..., 2023) sobre o passado de Maíra com a música, é que a artista começou a compor desde muito cedo e sempre recebeu muito apoio de seus pais nesse processo. No entanto, mesmo com toda a experiência que possuía, a cantora tinha muitas inseguranças e não se sentia preparada para dar um passo a mais em sua carreira, deixando a mesma por um tempo em *hiatus*. Porém, posteriormente, após ter feito um intercâmbio na Nova Zelândia, a artista conseguiu reconectar-se consigo mesma, e, como coloca ainda a apresentadora, seu reencontro com a música foi inevitável. Quando retornou para o Brasil, Maíra passou a se dedicar integralmente ao mundo da música, lançando seu primeiro EP em 2020, intitulado “Pra Florescer”. Seu som, hoje em dia, é inspirado por artistas como: Rosalía, Marina Sena, Duda Beat e Silva.

Passando agora para as informações e dados coletados na entrevista com o Entrevistado 3, ele revela, primeiramente, sua percepção sobre o impacto do programete - analisado nesta subseção - na difusão da arte da música diversa e plural no DF. Segundo o mesmo, o Realce!

Contribui de maneira que [...] que os artistas possam sentir que aqui é um espaço [...] democrático. Assim, de encontrar um [...] uma emissora que realmente está de portas abertas para conhecer o trabalho de cada um. Eh [...] muitos deles, assim, principalmente os [...] menos conhecidos, eles entram em contato pedindo esse espaço [...] então, muitas vezes, a gente conhece também dessa forma [...] porque eles veem aqui um lugar que realmente vai escutar e realmente vai se importar em passar esse som pra frente [...] que muitas vezes o streaming não daria oportunidade para eles, né? (Entrevistado 3).

No que tange aos critérios para curadoria de artistas a serem divulgados no programete, o Entrevistado 3 destaca, primeiramente, a missão da Rádio de trazer artistas mais diversos e diferentes e que não são, normalmente, representados nos maiores meios de comunicação. Também revela um fato curioso, sobre a monopolização de alguns artistas da cidade – que possuem um reconhecimento mais consolidado – dos meios de comunicação que divulga e fala de arte em Brasília, que acabam sempre dando lugar às mesmas figuras. Sobre isso, e voltando na questão dos critérios para curadoria do Realce!, o mesmo entrevistado expressa:

A gente tem como objetivo encontrar esses [...] artistas variados, assim, a gente procura ter uma diversidade de gêneros, ritmos, idade também [...] e [...] a gente busca essa [...] valorização desses artistas que, muitas vezes, estão [...] eh [...] escondidos aí no meio de tantas outras coisas, e principalmente aqui em Brasília, né, que é fora do Rio e São Paulo. Então, muitos deles estão começando, não tem uma visibilidade na mídia [...] eu acho que é isso a gente busca eh [...] contar no Realce! um pouquinho sobre cada história, trazer ali curiosidades para gerar o interesse do público na [...] no som desse artista (Entrevistado 3).

4.3 Desafios enfrentados pela Rádio Cultura que dificultam a execução de sua atividade-fim

Durante as duas visitas realizadas à sede da Rádio Cultura, a pesquisadora deste estudo pôde constatar, e essa percepção foi confirmada verbalmente pela pessoa que a guiou em uma espécie de excursão pelos espaços da emissora, que o local, em termos de estrutura, apresenta uma simplicidade evidente. No entanto, ao ser questionado sobre os principais obstáculos que a Rádio enfrenta para a execução de sua atividade-fim, o Entrevistado 1 destacou que, embora a estrutura da Rádio, incluindo seus equipamentos e espaço físico, seja simples em comparação com outras rádios maiores que ele já teve a oportunidade de visitar, como algumas rádios privadas, isso, ainda, não constitui um dos maiores empecilhos para emissora.

Segundo o mesmo, o maior desafio que tanto a Rádio quanto a SECEC, órgão ao qual ela está vinculada, enfrentam atualmente, é o acúmulo de funções exercidas pelos servidores. Ele revela que, no âmbito da Rádio, esse fenômeno se manifesta devido à escassez de pessoas para assumir as frentes necessárias para o

pleno funcionamento das atividades da emissora pública. Recentemente, inclusive, como já foi mencionado na seção anterior, a Rádio lançou um edital de Chamamento Público para selecionar pessoas físicas interessadas em prestar serviço voluntário e programas radiofônicos para serem veiculados na mesma, e um dos objetivos dessa iniciativa, conforme pontuado pelo Entrevistado 1, foi justamente preencher essa lacuna nos recursos humanos da emissora. Mas ele destaca ainda que a burocracia, embora seja um instrumento importante no combate à corrupção, se mostra como muito danosa à Rádio, ao impedir maior fluidez e liberdade em alguns processos, que vão desde a contratação de pessoas até a aquisição de materiais que, eventualmente, podem se danificar.

No entanto, o cenário da gestão da Rádio nem sempre foi esse. Antigamente, antes de serem demitidas durante a transição de governo da época – mais precisamente, no início do primeiro mandato do governador Ibaneis Rocha – havia cerca de 11 a 12 pessoas trabalhando na emissora na condição de cargo comissionado. Os servidores públicos que já trabalharam ou ainda trabalham na Rádio Cultura ingressaram nela por meio de dois concursos públicos: o de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Distrito Federal (PPGG/DF) e o da SECEC/DF, na categoria de radiodifusão. Sobre a situação, o Entrevistado desabafa:

Eh [...] mais da metade, quer dizer, extinguiram todos os cargos comissionados, só ficou o cargo de diretor, que, recentemente, há dois meses, acabou de virar coordenador [...] que foi quando o Eduardo entrou [...] então a gente perdeu metade da equipe, e aí ficaram 10 pessoas, dessas 10 pessoas, uma [...] uma pessoa cometeu suicídio, a outra aposentou, aí tem [...] a gente tem uma situação assim, com várias pessoas doentes aqui dentro, pessoa com depressão, pessoa com alcoolismo [...] e hoje a gente tá com duas colegas [...] eh [...] servidoras em licença maternidade. Então, na prática, somos hoje quatro pessoas que sustentam as atividades finas da rádio. Então, é tipo [...] 24 horas de programação, sete dias da semana [...] é uma loucura, entendeu? (Entrevistado 1).

Sobre o acúmulo de funções exercidas pelos servidores da Rádio, mencionado anteriormente, é importante destacar que essas responsabilidades não se limitam apenas às frentes da emissora. Segundo o Entrevistado 1, a SECEC executa Termos de Fomento com recursos oriundos de emendas parlamentares. Nesse contexto, os deputados selecionam projetos da sociedade civil, em sua maioria culturais, para receberem financiamento. A grande questão em torno disso, conforme pontuado pelo entrevistado, reside na sobrecarga colocada sobre os responsáveis pela fiscalização da execução desses projetos, ou seja, os servidores

da SECEC. Em caso de recusa ou não cumprimento dessa ou de outras funções designadas aos mesmos no âmbito da Secretaria, estão sujeitos a receber sanções, como um processo administrativo disciplinar, podendo perder seu cargo. Sobre essa questão, ele oferece mais detalhes:

Há mais ou menos uns quatro anos, eles aprovaram a MROSC, que é o Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil que [...] eh [...] regulamentou essa questão dessas parcerias ((com as OSCs)). Desde que isso foi aprovado, chove termo de emenda. É tipo assim, são muitas emendas que a gente tem que fiscalizar [...] então, além de todo o trabalho que eu tenho aqui na Rádio, que eu acabei de fazer as [...] as contas [...] que eu acumulo 9 cargos aqui dentro, só para manter a rádio no ar [...] Aí agora eu ainda tenho que fiscalizar termo de fomento, e essa fiscalização, ela é extremamente complexa [...] você precisa ler todo o projeto que a pessoa escreveu, você precisa pegar a planilha orçamentária, analisar, você precisa ir no evento, tirar foto de item por item, depois fazer um registro fotográfico [...] e você precisa botar o seu CPF e atestar que aquilo ali está ok. E aí tem vários casos de marmita de 150 reais, sabe, tem várias, podem passar várias coisas, que se cair lá na frente num Tribunal de Contas, num negócio [...] vai voltar, e eles vão cobrar de você, servidor que assinou, então é uma carga [...] psicológica, assim, e emocional pra quem [...] pra mim, que tenho que tomar conta de toda uma programação da Rádio, ainda ter que lidar com isso [...] nesses últimos meses, eu estou com seis termos de fomento pra fiscalizar [...] além de manter uma rádio no ar, eu tenho que cumprir com os atributos de uma servidora pública [...] como se eu não tivesse outras, como se eu não precisasse manter a Rádio no ar. Então, hoje, a grande dificuldade que eu enfrento é essa [...] e o pessoal ainda falou que, até o fim do ano, vão ser liberados mais 120 fomentos (Entrevistado 1).

No que concerne ao cenário político-institucional em que a Rádio está atualmente inserida, o Entrevistado 1 expressa um ponto de vista notável. Ele questiona o vínculo da Rádio Cultura à SECEC, argumentando que essa associação parece não ser o ideal à emissora, uma vez que, como a mesma se entende e se afirma enquanto uma rádio pública, uma entidade de comunicação pública, isso acaba fragilizando suas formas de garantir seu pertencimento a esses locais, seja por meio da formulação de legislação ou de políticas públicas.

Nesse sentido, ressalta a importância da reativação Conselho Curatorial. Com a nova a gestão, que aprova uma abordagem participativa, renova-se a esperança de: estabelecer um planejamento de longo prazo para a Rádio como um meio comunicação pública, algo que ainda não existe; elaborar um plano de trabalho interno; e fortalecer seus instrumentos institucionais, a fim de não a deixar a emissora à mercê das decisões de cada governo e gestão que entra e sai. É crucial manter a continuidade nos projetos, e o entrevistado expressa:

Eu vejo é isso eu vejo que socialmente e culturalmente a gente tem esse respaldo [...] tipo assim [...] dentro do Conselho de Cultura, por exemplo, a gente tem esse Coletivo Intervezes, que é um coletivo que defende a comunicação pública, a democratização da comunicação [...] que eles enxergam a rádio como esse veículo de comunicação pública [...] todo mundo enxerga É tipo como se fosse uma convenção social de que a rádio é isso, mas, institucionalmente, a gente precisa ainda dar muitos passos para que isso seja, de fato, estabelecido (Entrevistado 1).

Uma outra questão que afeta a Rádio de maneira reflexa é o clássico desmonte que tanto a cultura quanto a comunicação pública sofrem no Brasil. A respeito disso, o Entrevistado 1 reflete: “a nossa comunicação pública no Brasil [...] ela é extremamente fragilizada, então a Rádio Cultura é só mais um reflexo disso, assim. É tipo grão de areia no meio de um vendaval”. Nesse gancho, é que entra a questão da importância de fortalecer os mecanismos capazes de divulgar o papel e a importância da Rádio. Isso inclui evitar que mais episódios de censura aconteçam nas redes sociais da emissora, por exemplo. Sobretudo porque isso viola o importante princípio de autonomia da comunicação pública.

O caso mencionado ocorreu durante a última da gestão da Rádio, quando, segundo o Entrevistado 1, devido à ausência de uma pessoa ou equipe específica e qualificada para cuidar das redes sociais da emissora, várias pessoas que já trabalhavam na mesma passaram a gerenciá-las de maneira aleatória. Em um determinado momento, uma dessas pessoas, que já havia repostado no *Instagram* da Rádio uma notícia sobre um incidente envolvendo a morte por asfixia de policial rodoviário federal - um evento que tocou o então presidente da república Jair Messias Bolsonaro -, repostou uma matéria sobre as eleições da Colômbia na época, onde a esquerda havia ganhado. Depois disso, uma pessoa desconhecida, ao ver as repostagens no *feed* da Rádio, fez uma reclamação direta com o governador do DF. Esse, por sua vez, acionou o então Secretário da SECEC para intervir e tomar as redes sociais da emissora. Esse caso gerou uma crise significativa na Secretaria e na própria Rádio, onde servidores jornalistas foram ameaçados de serem removidos de seus postos, algumas pessoas precisaram tirar licença psiquiátrica, e houve manifestações da mídia, sociedade civil e sindicato contra a censura imposta. Essa pressão levou até mesmo à demissão do diretor da emissora na época. A equipe da Rádio ficou profundamente afetada com esse episódio. No entanto, depois de quase dois anos, conseguiram retomar a gestão das redes sociais da emissora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar o papel da Rádio Cultura 100,9 FM, compreendida aqui como uma política pública, na difusão da arte da música diversa e plural no Distrito Federal. Para atingir esse propósito, foram adotadas ações de pesquisa que intentaram identificar elementos que indicassem a presença de diversidade e pluralidade cultural na programação da emissora estudada. Além disso, buscou-se mapear também os tipos de desafios enfrentados por ela na execução de sua atividade-fim.

A hipótese partiu do pressuposto de que, por se tratar de uma rádio pública, a emissora deveria seguir princípios e critérios estabelecidos por leis em importantes arcabouços normativos, como os discutidos no referencial teórico deste trabalho. Assim, seria esperado que ela adotasse estratégias para promover a diversidade e pluralidade cultural em sua programação.

Essa expectativa foi confirmada, mostrando que as rádios públicas não são necessariamente “oficialescas” e que, neste caso, definitivamente promovem diversidade e pluralidade cultural, especialmente por integrarem a luta global pela defesa e promoção da identidade e da diversidade cultural. Essa luta ganha força não apenas no Brasil, mas também em outros países da América Latina, que, segundo Alves (2010), são contextualmente marcados por uma grande heterogeneidade de línguas, crenças, costumes e tradições. Tal mobilização reflete o temor generalizado entre países do continente latino-americano frente ao movimento de unificação cultural, que potencialmente ameaça identidades locais e regionais. Nesse sentido, a UNESCO (2005, apud Alves, 2010, p. 548) destaca que a cultura popular, entendida pelas elites intelectuais e científicas latino-americanas como expressões e criações estéticas e artísticas de uma determinada coletividade, representa “os demarcadores da identidade, que devem ser objeto de proteção e promoção, pois guardam e produzem a diversidade cultural, considerada o grande patrimônio da humanidade”.

Apesar disso, os resultados da pesquisa revelaram que a emissora estudada enfrenta desafios significativos que afetam substancialmente seu pleno funcionamento, que vão desde a escassez de recursos humanos até questões relacionadas à censura.

Em complemento, vale destacar uma observação relevante que pôde ser extraída a partir dos resultados do estudo: o fato da internet e, particularmente, os *podcasts*, constituírem um meio de amplificação e revigoração das rádios, já que, de início, com o advento da internet, pensava-se amplamente na possibilidade de que esse novo meio de comunicação poderia levar à eventual extinção das rádios.

À luz do exposto, é necessário pensar em formas de reverter esse cenário que coloca obstáculos à atuação da Rádio e viola os direitos relacionados à cultura e à comunicação pública no país. Além disso, é importante que, com o respaldo da pesquisa e da academia, sejam trazidas à luz as questões que envolvem esses dois âmbitos mencionados, assim como sua importância para a sociedade. Diante disso, esta monografia sugere algumas recomendações, são estas:

Ação 1 – fortalecimento de parcerias com a academia - para ampliar o conhecimento sobre o importante papel das rádios públicas, em especial a Rádio Cultura, ao passo que essa constitui um dos poucos meios que dão espaço e visibilidade para artistas locais, pouco reconhecidos e sub-representados pela grande indústria (a Indústria Cultural). Parte superior do formulário

Ação 2 – ampliar discussões sobre a conveniência, possibilidade e possíveis repercussões da criação de uma fundação ou instituto que desvincule a Rádio Cultura da SECEC – essa alternativa foi mencionada por um dos entrevistados. Ele explica que essa ideia partiu de alguns de seus colegas mais antigos e de indivíduos engajados na democratização da comunicação, os quais se aprofundam no estudo sobre a comunicação pública. Eles acreditam que essa desvinculação traria mais autonomia à emissora para ela gerir suas questões.

Ação 3 – projeção de novas iniciativas que tragam recursos humanos para a emissora – como o recente edital lançado pela SECEC que, em breve, trará voluntários tanto para trabalharem na Rádio como para apresentarem seus programas. Pensando na sustentabilidade, existe também a possibilidade de estabelecer parcerias e cooperações com outros órgãos públicos e entidades sem fins lucrativos. Dessa forma, seria possível unir recursos, conhecimentos e esforços para desenvolver soluções eficientes para questões relacionadas à comunicação pública e à cultura no país.

Ação 4 – planejamento de estratégias para divulgar as atividades da Rádio Cultura – um planejamento bem elaborado e executado seria benéfico não somente

para promover as atividades da emissora, mas também para fortalecer seu papel e, eventualmente, sua identidade como veículo de comunicação pública, ampliar seu alcance, impacto e relevância na comunidade.

6 REFERÊNCIAS

ABIB, Gustavo; HOPPEN, Norberto; JUNIOR, Paulo Hayashi. **Observação participante em estudos de administração da informação no Brasil**. RAE – Revista de Administração de Empresas, São Paulo, vol. 53, núm. 6, novembro-dezembro, 2013, pp. 604-616. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/GjkPPmCGpcZQ77CSRQ6s7vQ/>>. Acesso em: 18 nov. 2023.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

AFONSO, Tatiana et al. **O uso do diário de campo na inserção ecológica em uma família de uma comunidade ribeirinha amazônica**. Psicologia e Sociedade, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 131-141, abr. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/KSH9MBYczc5bSpjKL5CwXqF/#:~:text=O%20di%C3%A1rio%20de%20campo%20permite,%2C%20estrat%C3%A9gias%2C%20reflex%C3%B5es%20e%20palpites>>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global. **Sociedade e estado**, v. 25, p. 539-560, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/ngLws5Chz4nfv6qxw7hHGnS/>>. Acesso em: 19 set. 2024.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANATEL. **Rádiodifusão**. 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/anatel/pt-br/regulado/rádiodifusao>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

AVRAMOVA, Martina. **O que é um lançamento em EP, single ou álbum?** iMusician, 2022. Disponível em: <<https://imusician.pro/pt/recursos/blog/o-que-e-ep-single-album#:~:text=Um%20EP%20significa%20'Extended%20Play,em%20compara%C3%A7%C3%A3o%20com%20um%20%C3%A1lbum>>. Acesso em: 31 out. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEIRA Convida - Mestre Zé do Pife. Entrevistados: Mestre Zé do Pife, Fernando Cheflera e Natália Alencar. Entrevistadora: Flávia Aguiar. [S.l.]: Beira Mundo Podcast, 22 ago. 2023. *Podcast*. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/1Ib7zIaW6dDeYDXtXXWr9d>>. Acesso em: 29 out. 2023.

BEIRA Convida - Na Trilha do Hamu. Entrevistado: Lucas Hamu. Entrevistadora: Flávia Aguiar. [S.l.]: Beira Mundo *Podcast*, 25 jul. 2023. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6em6mh5YxrVKX9ZqE8jROF>>. Acesso em: 28 out. 2023.

BEIRA Convida - Palestina Livre!. Entrevistado: Thiago Ávila. Entrevistadora: Flávia Aguiar. [S.l.]: Beira Mundo *Podcast*, 11 out. 2023. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7vVTeR8qQPJa8SP5EdxwC6>>. Acesso em: 30 out. 2023.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/cf96yZJdTvZbrz8pbDQnDqk/?lang=pt>>. Vol. 15, no 2. São Paulo: Perspectiva, 2001. Acesso em: 08 jul. 2023.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidente da República. 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 mai. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio – linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

BRITTOS, Valério Cruz. Prefácio. In: PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas públicas para radiodifusão e imprensa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. **Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 43, 2021.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. O músico frente às Políticas Públicas de Cultura no Brasil. In: **Anais da VI Jornada Internacional de Políticas Públicas (JOINPP)**. São Luís: UFMA, 2013. Disponível em: <<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/Anais-Eixo6Estado-CulturaeIdentidade.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Orgânica do Distrito Federal**. Brasília. 1993. Disponível em: <<https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/66634/LODF.html>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. **Rádio Cultura FM**. Brasília, 2022a. Disponível em: <<https://www.cultura.df.gov.br/radio-cultura-fm-2/>> Acesso em: 28 set. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. **Rádio Cultura 100,9 FM**. Brasília, 2023a. Disponível em: <<https://www.cultura.df.gov.br/radio-cultura-1009-fm/>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. **Rádio Cultura FM - 100,9**. Brasília, 2023b. Disponível em: <<https://www.cultura.df.gov.br/radio-cultura-1009-fm-2/>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. **Regimento Interno Rádio Cultura**. Brasília, 2022b. Disponível em: <[https://www.cultura.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/Regimento Interno Radio Cultura.pdf](https://www.cultura.df.gov.br/wp-content/uploads/2022/12/Regimento_Interno_Radio_Cultura.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2023.

DUARTE, Jorge. Comunicação Pública. In: LOPES, Boanerges (org.). **Gestão da Comunicação Empresarial: teoria e técnica**. São Paulo: Mauad, 2007.

FÉLIX, Paula; FERNANDES, Taiane. Política Cultural. In: **Mais definições em trânsito**. Cult.UFBA: 2007. Disponível em: <<https://cult.ufba.br/wordpress/publicacoes/outras-publicacoes/mais-definicoes-em-transito/>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

GROSFOGUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo/ epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 nº 1 janeiro/abril 2016.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 2ª Edição.

KUNZ, Giovanna. **Lucas Hamu lança app Na Trilha no Objeto Encontrado neste sábado (15/7)**. Correio Braziliense, Brasília, 13 jul. 2023. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/07/5108869-lucas-hamu-lanca-app-na-trilha-no-objeto-encontrado-neste-sabado-15-7.html>>. Acesso em: 28 out. 2023.

LARAIA, Roque de Barros, 1932. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar" Editora, 2001.

LESSA, Alessandra Siqueira. **A Comunicação pública e o interesse público na comunicação governamental**. 2022. 17 f. Artigo acadêmico (Pós-graduação em Comunicação, Marketing e Mídias digitais) - Instituto Brasiliense de Direito Público, Goiânia, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.idp.edu.br/handle/123456789/3804>>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**. Ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2009.

MATOS, Heloiza. A comunicação pública na perspectiva da teoria do reconhecimento. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.) **Comunicação Pública, Sociedade e Cidadania**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011. p. 39-60.

MENDEL, Toby; SALOMON, Eve. **Liberdade de expressão e regulação da radiodifusão**. UNESDOC Digital Library, 2011. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000191623_por>. Acesso em: 14 mai. 2023.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7- 32, 1999.

MORAES, Marcelo Viana Estevão de. **O panorama das políticas culturais**. Nexo Jornal, 2021. Disponível em: <<https://pp.nexojornal.com.br/ponto-de-vista/2021/O-panorama-das-pol%C3%ADticas-culturais>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

NETO, Cruz Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-66.

NICKI MINAJ; RIHANNA. **Fly**. Los Angeles: Young Money; Cash Money; Universal Motown, 2011. Disponível em: <<https://genius.com/Nicki-minaj-fly-lyrics>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

PINHEIRO, Elton. **Serviço de Radiodifusão Pública no Brasil: considerações sobre suas condições de origem e perspectivas**. Portal de Periódicos Eletrônicos da Universidade Federal de Ouro Preto (PP/UFOP), 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/173>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

REALCE! com Asú. [Locução de]: Sara Barreto. Entrevistada: Asú. Entrevistadora: Sara Barreto. [S.l.]: Realce!, 20 out. 2023. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/4cNQ2fEkNrOde6e8MSV2Ud>>. Acesso em: 01 nov.. 2023.

REALCE! com Maíra Guedes. [Locução de]: Sara Barreto. Entrevistada: Maíra Guedes. Entrevistadora: Sara Barreto. [S.l.]: Realce!, 27 out. 2023. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/1yo5Odp7g89Qmx1iOD8nan>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

REALCE! com Murica part. Letícia Fialho. [Locução de]: Sara Barreto. Entrevistados: Murica e Letícia Fialho. Entrevistadora: Sara Barreto. [S.l.]: Realce!, 6 out. 2023. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/0Hlij4TU7XjGsnhGAHxErr>>. Acesso em: 31 out. 2023.

REALCE!. **E o Realce da semana é com...espera aí, na verdade, o post de hoje é para realçar a apresentadora: Sara Barreto.** Brasília. 11 jul. 2023a. Instagram: @realcecultura. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CukllpBOHMK/>>. Acesso em: 31 out. 2023.

REALCE!. **Realce! é o lampejo sonoro do Distrito Federal.** Brasília. 15 fev. 2023b. Instagram: @realcecultura. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cosdd-cPeUb/>>. Acesso em: 31 out. 2023.

ROTHBERG, Danilo; LIBERATO, Fabiola de Paula. **Comunicação pública, transparência e políticas públicas: avaliação de informações em portais brasileiros de governo / Public communications, transparency, and public policy: assessing information on Brazilian government web portals.** Revista Internacional De Relaciones Públicas, 3(6(jul-dic), p. 69–96, 2013. Disponível em: <<https://revistarelacionespublicas.uma.es/index.php/revrrpp/article/view/232>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

RÜDIGER, Francisco. A Escola de Frankfurt. In: Hohlfeldt, Antonio; Martino, Luiz C.; França, Vera Veiga. **(Orgs) - Teorias da Comunicação.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Suzy; SILVEIRA, Érico da. Serviço Público e Interesse Público nas Comunicações. In: RAMOS, Murilo César; SANTOS, Suzy. **Políticas de Comunicação: buscas teóricas e práticas.** São Paulo: Paulus, 2007.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por>. Acesso em: 14 mai. 2023.

UNESCO. **Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais: texto oficial ratificado pelo Brasil por meio do Decreto Legislativo 485/2006.** 2007. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000150224>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural.** São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ZIMMERMANN, Clóvis Roberto. **Modernidade eurocêntrica idealizada no crivo da crítica pós-colonial.** REALIS – Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais, Bahia, v.12, n. 02, p. 81-94, julho-dezembro, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/realis/article/view/254213/pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

7 APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Concordo em participar como voluntário do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de graduação Amanda Alves Farias, orientada pela professora Dra. Ana Paula Antunes Martins do curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de Brasília (UnB), que podem ser contatados pelos e-mails: amandafariasdfa@gmail.com, anapaulamartinsgppunb@gmail.com.

Estou ciente de que o objetivo do estudo é realizar entrevistas com atores envolvidos com a temática de radiodifusão pública, difusão da arte da música, pluralidade e diversidade cultural, com a finalidade de contribuir para a realização do Trabalho de Residência em Políticas Públicas (RPP) de graduação para responder a pergunta de pesquisa: **“Como a gestão da Rádio Cultura 100,9 FM, enquanto parte atuante na política de comunicação pública do DF, contribui, a partir da sua programação, para a difusão e valorização da manifestação diversa e plural da arte da música na Capital Federal e quais desafios ela enfrenta nesse processo?”**, realizado por Amanda Farias.

Entendo que minha participação no estudo se dará através de respostas a perguntas previamente elaboradas pelo pesquisador. Essas respostas serão gravadas e posteriormente transcritas. Minha identidade permanecerá anônima e a entrevista será realizada sem qualquer tipo de constrangimento.

Confirmo que recebi todos os esclarecimentos necessários sobre o estudo no início da entrevista e que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou constrangimento.

Brasília/DF, ____ de _____ de 2023.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

8 ANEXOS

Anexo A – Programação Rádio Cultura FM 2023

Programação Rádio Cultura FM								
Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Horário	Sábado	Domingo
0h-7h	Cultura na Madrugada - Programação vinhetada Juliana Medeiros							
7h-8h	Beira Mundo - Flávia Aguiar							
8h-10h	Bom Dia Cultura - Programação e locução ao vivo Daniel Mioju					8h-9h	Pipoquinha Cultura - Greta Noira (reprise)	Programação Musical sem locução - Daniel Mioju (Reprise Tarde)
						9h-10h	Programação Musical sem locução - Flávia Aguiar (Reprise Matula)	
10h-12h	Programa Musical sem locução - Flávia Aguiar (Reprise Matula do dia anterior)					10h-11h	Barracão - Daniel Mioju	Pipoquinha Cultura - Greta Noira
						11h-12h		Programação Musical sem locução - Flávia Aguiar (Reprise Matula)
12h-14h	Maluta Cultura - Programação vinhetada de Flávia Aguiar					12h-14h	Programação Samba - Mioju (reprise)	Programação Samba - Mioju
14h-15h	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)					14h-16h	Reggae - Daniel Mioju	Reggae - Daniel Mioju
15h-17h	Programação Musical com locução - Daniel Mioju							
17h-19h	Fim de Tarde na Cultura - Programação e locução "gravado ao vivo" de Juliana Medeiros					16h-17h	Programação com Locução Sara Barreto - supervisão Flávia Aguiar	Programação com Locução Dany Oliveira - supervisão Flávia Aguiar
						17h-18h		
						18h-19h		
19h-20h	E.B.C (Voz do Brasil)					19h-20h	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)
20h-21h	Programação musical sem locução - Mioju (reprise da Tarde do dia anterior)	Cultura Reggae - Daniel Mioju (reprise)	Programação musical sem locução - Mioju (reprise da Tarde do dia anterior)	Programação musical sem locução - Mioju (reprise da Tarde do dia anterior)	Programação musical sem locução - Mioju (reprise da Tarde do dia anterior)	20h-21h	Baile - Hugo Paiva	Programação Blues - Mioju
21h-22h						Programação Musical Lucas Porto - supervisão Flávia Aguiar		
22h-23h	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)	Beira Mundo - Flávia Aguiar (reprise)	22h-23h		
23h-00h	Programação e Locução - Daniel Mioju	Programação e Locução - Daniel Mioju	Programação e Locução - Daniel Mioju	Programação e Locução - Daniel Mioju	Programação e Locução - Daniel Mioju	23h-00h		